

CONVERGENCIA

Julho/Agosto 2004 • Ano XXXIX • Nº 374

ISSN 0010-8162



- Presença e resistência proféticas a um mundo globalizado e excludente
- Testemunhas de uma esperança escandalosa
- Pedras e horizontes para uma mística missionária militante
Apontamentos de um retiro no Cimi
- Apostar na esperança
A espiritualidade como caminho de esperança

Sumário

EDITORIAL	321
PALAVRA DO PAPA	325
INFORME CRB	327
XX ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA CRB	328
ARTIGOS	340
Presença e resistência proféticas a um mundo globalizado e excludente	340
FREI CARLOS JOSAPHAT, OP	
Testemunhas de uma esperança escandalosa	353
JUNG Mo SUNG	
Pedras e horizontes para uma mística missionária militante Apontamentos de um retiro no Cimi	364
PAULO SUESS	
Apostar na esperança A espiritualidade como caminho de esperança	373
HELENA TERESINHA RECH, STS	

A ilustração da capa da Convergência 2004 apresenta a logomarca do Jubileu da CRB. É um projeto gráfico da artista gráfica Patrícia Oliveira da Rocha (Belo Horizonte - MG) e Luiz Henrique Sales (Rio de Janeiro - RJ). A capa evoca a presença e missão da Vida Religiosa do Brasil no mundo atual, como Testemunho, Profecia, Esperança.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:

Pc. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Romi Auth, FSP
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura

Anual

para 2004

Brasil: R\$ 85,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Números avulsos: R\$ 8,50 ou US\$ 8,00

Editorial

Peregrinos da Fé

IR. MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

No dia 09 de agosto deste ano, religiosas e religiosos de todo o país se uniram ao fluxo de romeiros que afluem quotidianamente ao santuário da Padroeira do Brasil – Nossa Senhora Aparecida. Foi um momento particularmente relevante nas celebrações do Jubileu de Ouro da Conferência dos Religiosos do Brasil.

Louvor, ação de graças e compromisso constituem o significado mais profundo desse evento, que se erigiu como marco referencial iniludível na vida da CRB. De fato, a Vida Religiosa do país juntou-se nesse dia ao povo brasileiro peregrino, ombro a ombro, numa comunhão singular de fé e de sentimentos para, em união com Maria, *louvar* o Deus Trindade, *dador de todo dom e fonte de toda vida*; para *agradecer* os 50 anos de vida da Conferência e tudo aquilo que foi construído, sofrido e partilhado ao longo desse itinerário histórico, em comunhão com o Povo de Deus peregrino; para renovar o seu *compromisso* de seguir Je-

sus e pro-seguir a sua missão no mundo de hoje, marcado por tantas contradições e desafios inéditos.

É importante o valor simbólico desse evento na comunidade eclesial e na sociedade. Peregrina no santuário Nacional de Aparecida, junto com o povo, a Vida Religiosa do Brasil quis traduzir em linguagem plástica o mais nuclear de sua vocação no mundo, ou seja a busca da radicalidade evangélica, no seguimento de Jesus, feito história e encarnado na realidade. Quis reafirmar publicamente que essa forma de seguir Jesus não é um *gueto* nem uma *ecclesiola*. Não existe nem pode existir fora da história, da comunidade eclesial, à margem da sociedade. Pertence ao mundo das relações sociais que constituem o quotidiano da existência pessoal e social de todos. Quis reassumir, a posição do Vaticano II quando afirma na *Gaudium et Spes* que “as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de nosso tempo, particularmente dos pobres e dos que

sofrem, são as alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo. Que nada há verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração". Quis confirmar, publicamente também, o seu compromisso de ser TESTEMUNHO, PROFECIA e ESPERANÇA no mundo atual, onde as forças hegemônicas do capitalismo neoliberal impõem a lógica da exclusão como a única solução viável para a humanidade, gerando frustração e minando a capacidade de resistência política-espiritual dos pobres.

É preciso agora traduzir em gestos concretos a simbologia desse evento. Fica a cada congregação, a cada religiosa e religioso a tarefa de manter acesa e crepitante a chama da *utopia* realimentada junto à "Virgem Mãe Aparecida", em comunhão com todos os peregrinos ali presentes naquele dia; de re-criar diuturnamente o vigor da fé e a audácia da PROFECIA; de perseverar no TESTEMUNHO de que só Deus é absoluto e de que "*outro mundo é possível*"; de reanimar a própria ESPERANÇA e a esperança do povo, mesmo se a gravidade da crise que sofre a humanidade pareça induzir ao desalento e à inação.

CONVERGÊNCIA deste mês de agosto traz para os leitores, na seção de Informes, alguns *ecos* da XX Assembléia Geral da CRB. Na seção de artigos, oferece excelentes textos de leitura e reflexão, plenamente em sintonia com os grandes objetivos do Jubileu, e capazes de levar as comunidades a um renovado entusiasmo na sua busca de seguir Jesus.

O artigo de Frei Carlos Josaphat, OP, "Presença e resistência proféticas a um

mundo globalizado e excludente", é um texto que se situa no horizonte do Jubileu da CRB de maneira extremamente lúcida e pro-vocadora. O autor parte da afirmação de que "religiosos e religiosas vivem hoje um dado essencial e constante da vida consagrada de todos os tempos – a opção por um evangelismo radical, um modelo de ser Igreja no máximo de fidelidade e densidade. Assim a vida consagrada surge e se afirma qual testemunho, profecia e esperança em um mundo que tem sede de Deus, mas não sabe encontrar a fonte de água viva". Nessa perspectiva, o texto desenvolve questões de especial relevância para a Vida Religiosa hoje: – a visão de Vida Religiosa do Vaticano II, destacando aí o potencial profético transformador dessa vocação no mundo de hoje; – a urgência de superar as ambigüidades que vão marcando a nossa sociedade, onde crescem as religiões e aumenta a ausência de Deus; – a comunhão divina e a solidariedade universal, ou seja, a fecundidade social do amor; – o sentido dos votos como resistência ao sistema e de ruptura com o anti-Reino como mundo idolátrico; o desafio de ser nova criatura, apostando tudo na nova humanidade inspirada pelo evangelho. O texto tem a marca peculiar do autor. É instigante e inspirador. Merece ser objeto de oração, reflexão e partilha nas comunidades.

"Testemunhas de uma esperança escandalosa", de Jung Mo Sung, é um artigo de singular interesse e mordência, cujo eixo central de reflexão se coaduna também com os objetivos do ano Jubilar da CRB. O autor parte de uma per-

gunta simples mas pro-vocadora: – “O que o povo e os pobres em especial mais esperam dos religiosos/as?” Para responder a essa pergunta, o autor descarta o caminho de elencar os desafios que a sociedade atual está colocando para a Vida Religiosa e prefere ir mais ao âmago da questão: “Eu penso que o que o povo em geral e os pobres em particular esperam é que os religiosos lhes levem um pouco de esperança, uma esperança *densa* que seja capaz de iluminar as suas vidas e lhes dar força para continuar lutando pela afirmação de sua dignidade”. Lembra que essa esperança *densa* nasce da cruz e se firma na ressurreição e que, por isso mesmo é uma *esperança escandalosa*, porque não corresponde “às racionalidades do poder e, sim, à experiência da cruz”. Na parte conclusiva, o artigo aponta para as principais expressões dessa esperança: a defesa da dignidade humana; as celebrações litúrgicas e festivas como manifestações simbólicas da fé na ressurreição; as orações, retiros e meditações como caminhos para crescer na fé e perseverar na esperança; os estudos como meio de chegar à lucidez crítica diante do sistema vigente e saber dar razão da nossa esperança.

O artigo de Paulo Suess – “Pedras e horizontes. Para uma mística missionária militante” – é um texto particularmente oportuno para ajudar as comunidades a viver o seu compromisso com a causa dos pequenos, a partir de uma autêntica experiência mística. O texto refere-se à caminhada do CIMI e de outras pastorais populares. Usando a imagem das *pedras*, das *flores* e do *horizonte*, o autor faz uma interessante leitura do

caminho percorrido por esses organismos e pastorais nos últimos anos. Entre as *pedras*, destaca a *orfandade*, o *desencantamento* e o *aburguesamento*, mostrando que cada uma dessa *pedras* corresponde a uma perda. A da *orfandade* aponta para a perda do ninho político; a do *desencantamento*, para o desgaste unilateral entre os pólos que constituem a vida em sua dimensão holística e a perda do equilíbrio na micropolítica do afeto; a do *aburguesamento*, para o desejo difuso de participar das apropriações privilegiadas da elite. No nível do horizonte, o autor situa três atitudes que são sinais do Reino: a missão, a militância profética e a mística pascal. O texto conclui acenando para uma característica básica do compromisso social dos cristãos/ãs hoje: “Nós, cristãos peregrinos das Américas e do mundo, contemplamos nos crucificados da história nosso irmão e mestre, fundador crucificado e ressuscitado”.

“Apostar na esperança. A espiritualidade como caminho de esperança” – de Helena Teresinha Rech – é um texto particularmente sugestivo e inspirador no momento atual. Partindo da constatação do fenômeno que marca a sociedade de hoje da procura de melhor qualidade de vida através das religiões, do crescimento na busca de caminhos de espiritualidade e da proliferação da literatura nessa perspectiva, a autora se pergunta pelo que está por detrás dessa busca e dessa produção intelectual. Tratando de responder a tais indagações, Helena Teresinha aponta a esperança como um caminho de espiritualidade capaz de conduzir as pessoas a encontrarem resposta

para seus anseios e suas buscas. Apresenta com muita pertinência as raízes antropológicas da esperança e a sabedoria que nasce da esperança, para, em seguida, ocupar-se com a questão de fundo do seu texto, ou seja, a espiritualidade da esperança. O sentido dessa espiritualidade no mundo globalizado de hoje,

a sua atualidade, o seu conteúdo bíblico, e as interpelações que coloca para a Vida Religiosa são tratadas de maneira profunda e pro-vocadora, abrindo perspectivas e horizontes capazes de dinamizar o processo de revitalização das comunidades. Para isso, precisa ser lido e interiorizado em atitude orante.

“Peregrina no santuário Nacional de Aparecida, junto com o povo, a Vida Religiosa do Brasil quis traduzir em linguagem plástica o mais nuclear de sua vocação no mundo...”

Deus, refúgio e força do seu povo

Quarta-feira 16 de junho de 2004

1. Acabamos de ouvir o primeiro dos seis cânticos de Sião que estão contidos no Saltério (cf. *Sf* 47; 75; 83; 86; 121). O Salmo 45, como as demais composições análogas, celebra a cidade santa de Jerusalém, “a cidade de Deus, a mais santa entre as moradas do Altíssimo” (v. 5), mas expressa sobretudo uma confiança inabalável em Deus, que “é o nosso refúgio e a nossa força, ajuda permanente nos momentos de angústia” (v. 2; cf. v. 8 e 12). O Salmo recorda as perturbações mais terríveis para afirmar com maior vigor a intervenção vitoriosa de Deus, que dá segurança total. Devido à presença de Deus nela, Jerusalém “não pode vacilar” (v. 6).

O pensamento corre do oráculo do profeta Sofonias que se dirige a Jerusalém e lhe diz: “Rejubila, filha de Sião, solta gritos de alegria, povo de Israel! Alegra-te e exulta com todo o coração, filha de Jerusalém... O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por tua causa, como nos dias de festa” (*Sf* 3, 14.17-18).

2. O Salmo 45 está dividido em duas grandes partes por uma espécie de antífona, que ressoa nos versículos 8 e 12: “O Senhor do universo está conosco! O Deus de Jacob é a nossa esperança!”. O título “Senhor dos exércitos” é típico do culto hebraico no templo de Sião e, apesar do aspecto marcial, relacionado com a arca da aliança, remete para o senhorio de Deus sobre todo o universo e sobre a história.

Por conseguinte, este título é fonte de confiança, porque todo o mundo e todas as suas vicissitudes estão sob o governo supremo do Senhor. Portanto, este Senhor está “conosco”, como diz ainda aquela antífona, com uma referência implícita ao Emanuel, o “Deus-conosco” (cf. *Is* 7, 14; *Mt* 1, 23).

3. A primeira parte do cântico (cf. *Sf* 45, 2-7) está centrada no símbolo da água e apresenta um duplo significado contrastante. Com efeito, por um lado, desencadeiam-se as águas tenebrosas que, na linguagem bíblica, são símbolo das devastações, da confusão e do mal. Elas fazem tremer as estruturas do ser e do universo, simbolizadas nos montes, abalados por uma espécie de dilúvio destruidor (cf. vv. 3-4). Mas, por outro lado, eis as águas

que saciam a sede a Sião, uma cidade situada sobre os montes áridos, mas que “um rio com os seus canais” (v. 5) alegrem. O Salmista mesmo fazendo alusão às fontes de Jerusalém como a de Siloé (cf. *Is* 8, 6-7) entrevê neles um sinal da vida que prospera na cidade santa, da sua fecundidade espiritual, da sua força regeneradora.

Por isso, apesar das perturbações da história que fazem murmurar os povos e agitar os reinos (cf. *Sl* 45, 7), o fiel encontra em Sião a paz e a serenidade derivantes da comunhão com Deus.

4. A segunda parte do Salmo (cf. vv. 9-11) pode delinear assim um modelo transfigurado. O Senhor do seu trono, em Sião, intervém com extremo vigor contra as guerras e estabelece a paz que todos imploramos. Quando se lê o v. 10 do nosso cântico: “Ele acaba com as guerras no mundo inteiro, quebra os arcos e despedaça as lanças, queima no fogo os escudos”, o pensamento corre espontaneamente para Isaías.

Também o profeta cantou o fim da recorrência às armas e a transformação dos instrumentos bélicos de morte em meios para o desenvolvimento dos povos: “transformarão as suas espadas em relhas de arados, e as suas lanças, em foices. Uma nação não levantará a espada contra outra, e não se adentrarão mais para a guerra” (*Is* 2, 4).

5. Com este Salmo, a tradição cristã dirigiu hinos a Cristo, “nossa paz” (cf. *Ef* 2, 14) e nosso libertador do mal através da sua morte e ressurreição. É sugestivo o comentário cristológico desenvolvido por Santo Ambrósio sobre o v. 6 do Salmo 45, que

descreve o “socorro” oferecido à cidade pelo Senhor “antes do amanhecer”. O célebre Padre da Igreja vê nele uma alusão profética à ressurreição.

De fato explica: “a ressurreição matutina obtém-nos o sustento da ajuda celeste, ela que afastou a noite, trouxe-nos o dia, como dizem as Escrituras: “Acorda e levanta-te, eleva-te dos mortos! E resplandecerá para ti a luz de Cristo”. Observa o sentido místico! Ao anoitecer cumpriu-se a paixão de Cristo... Ao alvorecer a ressurreição... Ao anoitecer do mundo é morto, quando a luz já esmorece, porque este mundo jazia totalmente nas trevas e teria sido imerso no horror de trevas ainda mais escuras, se Cristo, luz de eternidade, não tivesse vindo do céu para trazer a idade da inocência ao gênero humano. Por conseguinte, o Senhor Jesus sofreu e com o seu sangue perdeu os nossos pecados, fez resplandecer a luz de uma consciência mais límpida e brilhou o dia de uma graça espiritual” (*Comentário a doze Salmos*: SAEMO, VIII, Milão-Roma 1980, pág. 213).

Saudações

Quero saudar os grupos de Portugal e do Brasil, e os demais peregrinos de língua portuguesa aqui presentes, a todos recordando uma meta digna dos vossos passos: é Cristo misericordioso, em cujo Coração trespassado tendes a fonte eterna da vida e da esperança. Quem nele se refugiar não será confundido!

Joannes Paulus n. II



A CRB-Minas comemora o JUBILEU DE OURO com uma publicação

A CRB de Belo Horizonte, junto com o ISTA – Instituto Santo Tomás de Aquino (Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos dos Religiosos) e a Editora “O Lutador”, marcaram presença na celebração do Jubileu Áureo da Conferência dos Religiosos do Brasil, com o lançamento do livro *Liturgia das Horas e Vida Consagrada*, da autoria do frater Henrique Cristiano José Matos, cmm.

A oração como encontro, não apenas ocasional mas permanente com o Senhor, é o coração de toda consagração e, por conseguinte, da vida cristã e *a fortiori* da Vida Religiosa Consagrada.

É na LITURGIA DAS HORAS que encontramos um instrumento privilegiado para viver quotidianamente esta realidade. Começamos a pautar a nossa vida no ritmo diário, semanal e anual com o Senhor, mediante suas próprias palavras, rezadas (na salmodia) e ouvidas (nas leituras bíblicas). Ao mesmo tempo inserimos nossa oração na oração que a Igreja toda — como Comunidade de Fé — oferece diariamente a Deus. Expressamos assim nossa eclesialidade, superando uma visão intimista ou até interesseira da oração. Oramos com a Igreja e desta forma tornamo-nos cada vez mais

mulheres e homens de Igreja, sintonizados com sua grande missão: anunciar o Cristo e sua mensagem salvífica para que todos tenham vida, aproximando assim a utopia do Reino como esperança de um mundo novo de justiça, solidariedade e paz. Partindo da fonte que é Jesus. — e que vive na intimidade com o Pai — seremos capazes de evangelizar de verdade, porque não seremos apenas nós mesmos que trabalhamos, mas é o Espírito do Senhor que nos impulsiona por dentro e nos faz falar em nome do Senhor e operar na sua força.

Dizia João Paulo II que o fracasso da Vida Consagrada “não está no declínio numérico” (fato inegável do ponto de vista institucional), mas na diminuição da adesão espiritual ao Senhor”.

A celebração consciente da LITURGIA DAS HORAS, realizada na fé e em comunhão com todo o Povo de Deus que, diariamente oferece a Deus o seu “sacrifício de louvor”, constitui uma graça ímpar para estarmos e permanecermos no Senhor. É desta fonte que emanam o desejo e a capacidade de podermos prestar serviços apostólicos como expressão e verificação autêntica do amor vivido e experimentado.



XX Assembléia Geral Ordinária da CRB

Palavras de Ir. Maris Bolzan, Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil, na abertura da XX Assembléia Geral Ordinária

Eminentíssimo Mons. Franc Rodé, Cardeal Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica;

Eminentíssimo Dom Geraldo Majella Agnelo, Cardeal Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil;

Caríssima Irmã Vilma Esperanza Morán Quintanilla, digníssima Presidente da Confederação Latinoamericana dos Religiosos;

Excelentíssima Irmã Rosemary Howarth, Vice Presidente da União Internacional das Superioras Gerais;

Caríssima Ir. Ana Salete Bamp, Presidente da União das Superioras Gerais de Congregações Brasileiras;

Caríssimas Irmãs: Mariana Marguery, Presidente da Conferência dos Religiosos do Uruguai e Cruz Maria Díaz, representante da Conferência Venezuelana de Religiosos e Religiosas;

Revmo Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti, Inspetor Salesiano;

Sra. Nilva Abadia Fernandes, delegada da Conferência Nacional dos Institutos Seculares;

Revmo Pe. Bernardo Kascka, Diretor da Ação Episcopal ADVENIAT;

Sra Andréa Van Leuwen, representante do Comissariado Central das Missões – CMC Projetos;

Queridas Superioras e caríssimos Superiores de Institutos Religiosos e delegadas/os;

Estimadas irmãs e irmãos convidadas e convidados, e assessoras/es desta Assembléia;

Queridas/os irmãs e irmãos da Diretoria Nacional – dos Conselhos Superior e Fiscal, da Coordenação Executiva – das Equipes de Reflexão – Presidentes, Delegadas/os e Assessoras das Regionais – Grupo de Trabalho do Jubileu, da Memória Histórica e da XX AGO – Funcionárias e funcionários, e

Muito queridas e queridos junioristas, especialmente convidados como representantes das Novas Gerações.

Sejam todas e todos *muito bem vindas e bem vindos* à XX Assembléia Geral, en-

contro de nossa grande família religiosa, congregada pela Conferência dos Religiosos do Brasil. Alegra-nos ver ampliada essa comunidade com tantas irmãs e irmãos que, na solidariedade, vivem conosco em constante comunhão. Irmanadas pelos vínculos do evangelho, possamos acolher o convite a fortalecermos os laços entre nós, para dizermos ao mundo uma palavra credível e convincente sobre o fundamento de nossa comum vocação.

Em julho de 2001, cantávamos em uníssono: *há uma esperança para o teu futuro*. Sob o impulso desse lema, recebíamos da XIX Assembléia, a missão de animar e assessorar, nesse mesmo *horizonte de esperança*, o processo de refundação da Vida Religiosa, sinalizado pelas balizas levantadas – os “onze marcos indicadores”.

Intuímos naquele momento, que, num tempo de mudança de época e de globalização, voltar à fonte inspiradora, ressignificar hoje, o seguimento de Jesus, sobre o qual a Vida Religiosa constrói sua identidade e fundamenta sua missão, constitui tarefa *desafiadora e audaciosa*.

As palavras de Ir. Vera Ivanise Bombonato em sua palestra, permaneceram vivas em nosso coração: “Refundar a Vida Religiosa exige, antes de tudo, entrar na dinâmica da *continuidade* e da *descontinuidade histórico-teológica*. Esses dois pólos estabelecem um elo de ligação entre o passado e o presente e nos projetam para o futuro, não como tempo cronológico, mas como *Kairós*, momento privilegiados da manifestação e da ação libertadora de Deus na História”.

Esta continuidade histórico-teológica *remete e resitua* a Vida Religiosa no coração da vida cristã, recordando-lhe:

- sua condição de herdeira e continuadora dos profetas, dos apóstolos, dos mártires e dos santos fundadoras e fundadores;
- que na raiz profética de cada Carisma, está o gemido do Espírito que brota do âmago mais profundo do povo clamando por vida, dignidade e esperança;
- a continuidade que evoca a fidelidade criativa nutrida pela mística do **Se-guimento**; a descontinuidade que exige uma permanente atitude de vigilância – “*estar com as lâmpadas sempre acesas*” para perceber as passagens e tempos do Espírito que quer conosco “*fazer novas todas as coisas*”;
- a sensibilidade evangélica para ascultar e seguir os apelos que sobem das entranhas da realidade atual, redefinir sua missão na Igreja e na sociedade.
- a necessidade de romper com estruturas, esquemas, paradigmas e tradições superadas;
- a qualificação do discernimento, privilegiando-o como mediação para “viver em obediência ao Espírito”. “*Toda manhã Ele desperta meus ouvidos para que eu possa ouvir como discípulo, como discipula*” (Is 50,4).

A Diretoria Nacional tomou consciência de que nossa missão no triênio contemplaria a realização do *Jubileu dos 50 anos da CRB* e fizemos dele um marco especial. Sentimos a responsabilidade de evocar a vida da nossa Conferência, como compromisso de retomar as lições do passado, as intuições ditadas pelo *Espírito* e captadas por antecessoras e antecessores atentas/os a suas moções, sobre as quais se apoiaria nosso exercício, ao mesmo tempo, discernindo aque-

las que foram graça para outros momentos e que já não responderiam aos apelos de hoje.

Nessa perspectiva, com a mística que nos é própria e, contagiada pela *aura do jubileu*, buscamos impulsionar a Vida Religiosa para uma consciência maior de seu **SER** no mundo globalizado, que a desafia a ocupar novos espaços. Empenhamo-nos em assumir o serviço exigido pelo redimensionamento institucional, como um dos passos fundamentais no processo da Refundação.

A eclesiologia de comunhão inspirou a escolha de uma metodologia de trabalho, que envolvesse ao máximo, as diversas instâncias da Conferência. Na organização e planejamento, privilegiamos decisões colegiadas, num esforço de ampliar a participação. Elaboramos então, na corresponsabilidade, o Plano Global de Ação para o triênio, em que, os onze marcos indicadores deram origem aos projetos da programação.

Na gerência estratégica dos recursos, buscamos tornar claro seu fim evangélico e dar sentido e importância à previsão orçamentária, como um processo educativo que nos remete à solidariedade com os empobrecidos de nosso país e do continente, cujo orçamento mensal não chega a um salário mínimo, em contraposição a uma cultura de consumismo e individualismo.

Almejamos que a XX Assembléia, que ora iniciamos, transcenda seu caráter estatutário e seja vivida num clima de "ação de graças pelos 50 anos da caminhada da CRB, à luz da Palavra e dos sinais dos tempos, para fortalecer o processo de refundação da Vida Religiosa, na vivência do testemunho, da profecia e da esperança.

- O **Testemunho**, por vezes público, outras vezes, silencioso ou velado, de

tantas/os religiosas e religiosos, ao longo dos 50 anos.

- A **Profecia**, almejada por nós, em resgate dos traços deixados nesses 50 anos, como identificação da Vida Religiosa do Brasil.
- A **Esperança**, que privilegia a Vida Religiosa *pele que é em si mesma*, como articuladora das esperanças dos pobres, despertando-os para as suas potencialidades, não raras vezes, evangelizados da nossa própria esperança.

A temática a ser desenvolvida iluminará nosso percurso: "**Memória Histórica da CRB**". "**Leitura interdisciplinar da realidade hoje**", sob quatro enfoques: conjuntura política nacional, a realidade social de nosso tempo, o aspecto religioso e seus desafios e a conjuntura eclesial. "**Desafios e apelos para a Vida Religiosa**", a partir da visão teológica, bíblica e psicológica. "**Novas Gerações e Vida Religiosa**".

Recordemos os espaços escolhidos para a realização das nossas Assembléias. Na última, a XIX, nos reunimos em **comunidades**; nesta, nos recolocamos na **dinâmica da itinerância**, buscada na *conflitualidade da história*. Evoquemos a simbologia das **TENDAS** no seu sentido bíblico, lembrando as festas do povo, como no caso da colheita (Ex 23,14), em que eram celebrados os grandes acontecimentos da vida do povo.

Olhemos ao nosso redor. Contemplemos profundamente todo espaço para nós reservado durante esses dias e onde se espalham algumas tendas: a **Tenda da Palavra**, espaço ideal para ouvir o que o Senhor quer nos falar nesse tempo histórico de nossa vida

e missão. A **Tenda do Encontro** que nos congrega, com a diversidade de nossos carismas e na unidade de nossa comum vocação eclesial. A **Tenda das Regiões** que recolhem e expressam o chão da Vida Religiosa do Brasil na sua diversidade e riqueza, no seu limite e pobreza.

As **tendas do deserto** eram montadas e desmontadas segundo o ritmo das peregrinações rumo à terra prometida, construindo o caminho, caminhando simplesmente... esse movimento, difícil e exigente, mas festivo e esperançoso, permite vislumbrar, *além do horizonte, novos horizontes que se delineiam*.

O espírito de itinerância faz-nos superar os medos e assumir a lógica do *testemunho e da profecia* e, não somente vislumbrar, mas desvelar novos horizontes muito mais perto que pensamos. “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap. 5, 21).

- São as *Novas Gerações* insistindo em nutrir a Vida Religiosa com nova seiva.
- Nova solidariedade, alianças, redes, a globalização no que concerne à reconstrução da sociedade esfacelada.
- O Plano de Evangelização da Amazônia grávido de possibilidades, como boa-notícia para nossos povos marginalizados.
- Uma nova sensibilidade voltada para a abertura à dimensão latino-americana e caribenha intercontinental que se vai expressando em projetos concretos.
- Outras novas intuições que, certamente, acenam para a sua emergência nesse momento histórico.

A própria dinamicidade da história indica novos horizontes a serem descortina-

dos. Assim nasceram nossas Congregações – como resposta a um clamor no tempo da fundação, sinal do olhar exodal de Deus solidário, compassivo e comprometido com a causa da dignidade humana.

Celebremos a **“Festa das Tendras”**. A festa da colheita dos frutos de nossa Conferência. E, após cinco dias, não sete, como nos tempos bíblicos, recolhamos as lonas que recobrem a Vida Religiosa, retiremos as estacas que a prendem, soltemos as cordas que a amarram. E, assim, purificada pela graça do Jubileu, a Vida Religiosa é convocada a perseguir os novos horizontes anunciados.

Não pretendemos morar em tendas, mas, com todo o povo, *queremos morar – permanecer em Deus, sem nos deter em lugares fixos*. Ponhamo-nos a caminho como peregrinas e peregrinos a caminho da *Terra Prometida* na expectativa de ver concluída a aliança. Com toda confiança, deixemo-nos possuir pela promessa de que, *Aquele* que inspirou a Vida Religiosa como modelo de seguimento de Jesus, se encarregará de dar-lhe o acabamento.

Apoiemos nossa fé e nossa esperança, nas palavras de Isaías: “Nesse dia, cantarão para a *vinha formosa*. Eu Javé, sou responsável por ela” (Is.27,2).

Uma palavra especial de agradecimento à CNBB, Conferência-irmã aqui presente, através de seu Presidente Dom Geraldo Majella Agnelo, a quem muito agradecemos pela abertura ao processo de consolidação das *mútuas relações*. Destaco um trecho das palavras que nos foram dirigidas na sessão de homenagem à CRB dentro do quadro da última Assembléia Geral em Itaici:

“Neste Jubileu, queremos ressaltar, a estreita e permanente colaboração entre a CRB

e a CNBB, em profundo espírito eclesial e testemunho evangélico. Este testemunho de comunhão e de fraterna colaboração é grande legado de amor à Igreja e à sua causa. Permite-nos, neste contexto jubilar, sublinhar a recomendação do Santo Padre; “Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir. Olhai o futuro, para o qual vos projeta o Espírito, a fim de realizar convosco ainda grandes coisas”. (VC 110a.)

Muito obrigada a todas e a todos que, por convocação, convite, ou como serviço, aceitaram reunir-se em Assembléia. Na corresponsabilidade, somos uma grande comunidade de Carismas religiosos, a serviço da missão eclesial compartilhada com todas as outras vocações na Igreja.

Queremos convidá-la e convidá-lo a en-

trar na grande **TENDA – CRB Jubilar** que, com equilíbrio e maturidade próprios desta faixa etária, certamente continuará aberta à novidade e às novas exigências da missão evangelizadora. O processo que vamos vivenciar durante esses dias, esclarecerá as escolhas que devemos fazer e os passos a serem dados.

Que Jesus, o Salvador, continue nos iluminando, como aos discípulos de Emaús e envolvendo-nos com sua paz!

Com essas palavras declaro aberta a Vigésima Assembléia da CRB Nacional.

São Paulo 05 de julho de 2004.

*Ir. Maris Bolzan, SDS
Presidente Nacional da CRB*

“Refundar a Vida Religiosa exige, antes de tudo, entrar na dinâmica da continuidade e da descontinuidade histórico-teológica.”

Palavras do Mons. Franc Rodé, prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica

É para mim uma imensa alegria participar pela primeira vez, como Prefeito da Congregação para os Institutos de vida consagrada e sociedades de vida apostólica, desta numerosa e qualificada Assembléia Geral da Conferência de Religiosas e Religiosos do Brasil. Esta celebração assume uma importância muito especial, porque são comemorados os 50 anos de vida da Conferência. Aniversário que convida a agradecer a Deus por todos os dons de graça que Ele tem concedido, por meio deste organismo, em favor da Vida Consagrada no Brasil.

É também ocasião propícia para agradecer a todos os que, durante este meio século, trabalharam para que a CRB fosse instrumento de ajuda, animação e coordenação dos institutos religiosos, tanto em nível nacional como regional, contribuindo para fazer desta Conferência um organismo de comunhão, em um imenso país como o Brasil, onde o isolamento pode ser um perigo, dadas as distâncias e as realidades tão diferentes.

Quero recordar com admiração agradecida, as pessoas consagradas que, também neste país, “testemunharam Cristo Senhor, com o dom da própria vida”. Eles “iluminaram-nos com o seu exemplo, intercedem pela nossa fidelidade, esperam-nos na glória” (VC 86).

O tema que escolheste para esta assembléia, “**Testemunho – Profecia – Esperança**”, enquadra muito bem as aspirações que guiaram os trabalhos da vossa conferência.

Desejaria partilhar convosco algumas reflexões que em mim provocam estes termos.

Testemunho: Significa entrega de uma vida. Em uma sociedade globalizada, mediática e secularizada, a vida consagrada deve falar com a linguagem da vida e da coerência. Somos chamados a ser testemunhas vivas do Deus invisível e eterno, do Deus vivente.

Testemunhas do Pai com uma vida de oração pessoal e comunitária, a manifestar que, para nós, Deus é absolutamente o primeiro que proclama silenciosamente, mas também eloqüentemente, que a vida humana é incompleta, se não está em comunhão com sua origem e seu fim, com a vontade salvífica de Deus.

Testemunhas do Filho: seduzidos por seu amor, a religiosa, o religioso devem aspirar a se identificar com Ele, assumindo seus sentimentos e sua forma de vida (cf. VC 18). Através dos conselhos evangélicos, as religiosas e religiosos se fazem “*memória viva da forma de existir e de atuar de Jesus, como Verbo encarnado face ao Pai e aos irmãos*” (VC 22).

Testemunhas do Espírito Santo que é aquele que nos transforma interiormente e, graças à Palavra acolhida e meditada, nos configura com Cristo, fazendo do nosso “dia a dia” um caminho de santidade, entre as tribulações do mundo e as consolações de Deus.

Profecia: A profecia tem sido um dos aspectos mais importantes e mais considera-

dos por esta Conferência, nestes últimos anos. A profecia impele *“a repropor corajosamente o espírito de iniciativa, a criatividade e a santidade dos fundadores e fundadoras”*. Estes, juntamente com os inúmeros santos da vida consagrada, testemunham que *“a verdadeira profecia nasce de Deus, da amizade com Ele, da escuta diligente da sua Palavra nas diversas circunstâncias da história. O profeta sente arder no coração a paixão pela santidade de Deus e, depois de ter acolhido a palavra no diálogo da oração, proclama-a com a vida, com os lábios e com os gestos, fazendo-se porta-voz de Deus contra o mal e o pecado”* (VC 84).

O testemunho profético exige a busca constante e apaixonada da vontade de Deus, a generosa e imprescindível comunhão eclesial, o exercício do discernimento comunitário e o amor pela verdade, coisas importantes que fazem com que a profecia seja verdadeira e que vos animo a buscar com pureza de coração.

Penso que, no vosso país, atualmente, se manifestam duas forma típicas da profecia bíblica: a ajuda aos pobres, sendo sua voz, e ser voz de Deus no deserto da cidade secular.

Socorrer a miséria material e socorrer a pobreza espiritual, buscar como responder ao grito dos pobres e buscar como despertar o coração de quem pensa ser auto-suficiente diante de Deus; preocupar-se com a solução das novas pobreza e preocupar-se com aqueles que buscam o sentido da vida por caminhos extraviados. Eis, certamente, algumas das metas prioritárias para uma presença profética da vida consagrada, aqui e agora, no início do terceiro milênio.

Tudo isto nos recorda que também a vida fraterna encerra uma grande carga profética, em uma sociedade na qual se esconde, às

vezes sem se dar conta, um profundo anelo de fraternidade sem fronteiras (cf. VC 85).

Esperança: a vida consagrada contribui e está contribuindo para dar esperança ao vosso povo, quando está ao lado daqueles que sofrem, quando partilha das suas dificuldades e das suas aspirações, quando socorre os pobres e os marginalizados com inumeráveis obras de caridade, com suas escolas e hospitais.

Devemos agradecer ao Senhor pela esperança semeada com tanta generosidade pelas religiosas e religiosos do Brasil, fruto, especialmente, do amor preferencial pelos pobres que os caracteriza.

Sim, temos que dar esperança com nossas obras, porém, sobretudo, temos que dar esperança anunciando as maravilhosas obras de Deus, realizadas em favor de seu povo.

“Eis que faço novas todas as coisas” (Ap. 21,5).

Sim, somos *“testemunhas”*, *“profetas”* e pessoas de *“esperança”*. Com nossa vida consagrada daremos testemunho na verdade de que Jesus faz novas todas as coisas.

Concluo encomendando esta assembléia à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, com as palavras do Santo Padre. *“A vós, Senhora Aparecida, confio todos os participantes desta Assembléia e todos os religiosos e religiosas, para que saibam correr ao encontro das necessidades humanas, para levarem ajuda, mas, sobretudo para levarem Jesus. Ensinai-lhes a proclamar as maravilhas que o Senhor realiza no mundo, para que todos glorifiquem o seu nome. Sustentai-os na sua ação em favor dos pobres, dos famintos, dos desesperados, dos últimos e de todos aqueles que procuram o vosso Filho com coração sincero”* (VC 112).

Memória da XX Assembléia Geral Ordinária da CRB

Testemunho – Profecia – Esperança

“Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5)

A XX Assembléia Geral Ordinária (AGO) da CRB, realizada em São Paulo, de 5 a 9 de julho de 2004, foi o acontecimento conclusivo do Ano Jubilar da CRB. Por essa razão teve um caráter celebrativo todo especial, uma grande ação de graças pelos 50 anos de nossa Conferência.

Neste clima de festa, com a presença de 610 pessoas provenientes de todos os cantos do Brasil, de muitos lugares do continente latino-americano, de outras regiões do mundo, via-se a beleza da diversidade dos carismas. Além da grande maioria de religiosos e religiosas, irmãs e irmãos de Vida Consagrada, participavam também alguns bispos, presbíteros, diáconos, cristãos leigos e leigas, representando as outras componentes do Povo de Deus.

Tivemos significativas presenças entre nós, testemunhando o espírito de comunhão que animou a XX AGO: Dom Franc Rodé, Pro-Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; Dom Geraldo Majella Cardeal Agnelo, Presidente da CNBB; Dom Odilo Pedro Scherer, Secretário Geral da CNBB; Dom Anuar Battisti, Presidente da Comissão Episcopal para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada da CNBB; Irmã Vilma Esperanza Morán Quintanilla, Presidente da CLAR; Irmã Salete Ana Bampi, Presidente da União das

Superiores Gerais Brasileiras; os demais membros da Diretoria da CLAR; Irmã Rosemary Howarth, vice-presidente da União Internacional das Superiores Gerais; 12 representações de Governos Gerais; delegados de outras instituições eclesiais e junioristas representantes de todas as Regionais, revelando o rosto jovem e promissor da Vida Religiosa.

Graça – perdão – misericórdia

A XX AGO, ao fazer a memória histórica da nossa caminhada, lembrou que a Vida Religiosa está presente no país desde a chegada dos portugueses em 1500. Contribuímos para a transformação do Brasil, para a execução de tantos projetos que geraram vida e esperança. Mas reconhecemos também nossos pecados. Muitas de nossas ações e de nossas omissões fizeram parte daquelas decisões que provocaram o sofrimento e a miséria da grande maioria da população brasileira. Por isso, no espírito do Jubileu, queremos pedir perdão e misericórdia, assumindo o compromisso de purificar a nossa memória.

Leitura da realidade

Com a ajuda de assessores e assessoras competentes, a XX AGO fez uma leitura da realidade, considerando a situação social, política, religiosa e eclesial. Vimos essa realidade

no âmbito das grandes globalizações mundiais e no contexto da conjuntura difícil de nosso país hoje. Buscamos iluminar tudo isso com uma reflexão a partir do enfoque bíblico, teológico e psicológico, percebendo melhor os apelos de Deus para essa hora. A sensibilidade aos “sinais dos tempos” nos levou a ver esse momento como *kairós*, oportunidade para respondermos com coragem ao convite que nos é feito pelo Senhor.

Nosso país está marcado pela divisão social, com o empobrecimento gerado pela exclusão. A violência, a corrupção e a impunidade estendem seus tentáculos por toda parte. Sentimos que a nossa profecia precisa ser corajosa, recriando a experiência da busca de alternativas. Diante do fenômeno da privatização da religião, vista como um bem de consumo a mais, somos desafiadas e desafiados a dar testemunho de que é possível ser feliz vivendo em fraternidade, com sobriedade e simplicidade. Quando, no campo social e político, experimentamos a desilusão e a decepção, assumimos o desafio de continuar participando do processo de conscientização e de organização do povo, recuperando a esperança e a utopia de que um outro mundo e uma outra vida são possíveis. Toca-nos a missão de ajudar a população, especialmente os pobres e excluídos, a entender que toda mudança tem o seu preço. Precisamos, com o nosso testemunho e a nossa participação, recriar a certeza de que sem luta, sem paciência e sem persistência não chegaremos à transformação de nossa sociedade.

Tendas do acampamento

O ambiente da XX AGO esteve marcado pela presença de várias tendas. A tenda da Palavra, força dinamizadora da Vida Con-

sagrada, que sustenta o testemunho, a profecia e a esperança. As tendas representando as cinco Regiões do Brasil, mostrando uma Vida Religiosa que tenta inserir-se profundamente nas mais diversas realidades do nosso país continental. A tenda do encontro, espaço para o diálogo e a partilha entre os religiosos e religiosas, convite a intensificar ainda mais a significativa experiência da intercongregacionalidade.

Essas tendas nos recordam a caminhada do Povo de Deus no deserto, na direção da Terra Prometida. Elas nos lembram também a “festa das Tendas” que ajudava os hebreus a não esquecerem a sua condição de caminheiros. A peregrinação a Aparecida, no final da XX AGO, revelou-se como símbolo bastante expressivo, fazendo-nos entender que a Vida Religiosa precisa continuar a sua peregrinação, o seu êxodo, sem nunca se fixar e se acomodar.

A celebração do Jubileu não deve ser apenas um ponto de chegada, mas estímulo a partir, relançando a Vida Religiosa na direção das novas fronteiras e dos novos desafios. Construir templos ou fincar estacas para armar tendas? Recolher as lonas, levantar acampamento ou permanecer instalados? Essas são algumas das interrogações que o Espírito lança à Vida Religiosa de hoje.

Um novo caminhar

A simbologia das tendas, as celebrações litúrgicas bem preparadas, os diversos momentos orantes, as reflexões e trabalhos da XX AGO nos fizeram entender que é preciso iniciar um novo caminhar, vislumbrando novos *horizontes*, revertendo *prioridades* e *realçando* aquilo que a experiência nos mostrou ser indispensável para con-

tinuarmos vivendo a vocação à santidade e assumindo a nossa tarefa na missão evangelizadora da Igreja.

Vislumbramos novos horizontes porque acreditamos que Ele “faz novas todas as coisas” (Ap 21,5). O nosso testemunho será um esforço corajoso para deixar de lado todas aquelas “seguranças” que ao longo desses 504 anos de presença no Brasil nos distanciaram do Evangelho e do nosso povo e nos impediram de viver uma Vida Religiosa mais evangélica, inserida e inculturada.

O horizonte do futuro

Estamos saindo desta XX AGO com a convicção de que este momento jubilar foi um tempo de graça. Como “discípula” a CRB olha o passado para agradecer, aprender e retomar a aliança. Acolhe o presente, reavivando o diálogo entre o seu carisma e a realidade na qual estamos vivendo. Com nova sensibilidade percebe as interpelações do momento atual, querendo construir, com a ajuda do Espírito, o horizonte do futuro.

Dois momentos da XX AGO foram bem expressivos deste novo horizonte que se descortina diante de nós. O primeiro foi a fala de Dom Franc Rodé no instante da sua despedida. Ele manifestou a sua alegria de participar da assembleia como experiência de graça, expressando a importância de ver com os próprios olhos o dinamismo da Vida Religiosa no Brasil, tão fiel ao Evangelho e tão comprometida. O segundo foi a reeleição, com 96,7% dos votos, de Irmã Maris Bolzan, con-

firmado por mais um triênio o mandato da primeira mulher a presidir a CRB.

Com realismo e firmeza, sem deixar de lado o sonho e a utopia, precisamos continuar o processo de *refundação*, assumindo a ousadia de Jesus e seus discípulos e discípulas, da qual os nossos fundadores e fundadoras foram verdadeiras testemunhas. Na liberdade dos filhos e filhas de Deus, queremos prosseguir com criatividade, cultivando novas práticas e novos meios capazes de contribuir para a organização, conscientização e libertação deste povo do qual fazemos parte. Desejamos estar atentas e atentos às “provocações” das “novas gerações”, sem cedermos à tentação de querer imitar o marketing e a linguagem midiática utilizada para vender os produtos de consumo, inclusive aqueles que trazem o rótulo religioso.

E, mais uma vez, constatamos a necessidade de uma profunda mística para não recuarmos diante dos imensos desafios. A leitura orante da Palavra e a atenção aos gritos dos mais pobres certamente nos impulsionarão e nos farão resistir e esperar sempre. Maria, a discípula fiel, nossa companheira de caminhada, irá conosco. Seguindo o seu exemplo, queremos guardar todas essas coisas em nosso coração para, na vida cotidiana, proclamarmos a gratuidade de Deus que socorre os pobres e derriba os poderosos de seus tronos.

São Paulo, 7 de julho de 2004.

Os participantes da XX AGO da CRB

Quadro Programático da CRB 2004-2007

Horizontes

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. VC como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

Prioridades

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parceiras com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunho de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.

5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

Realces

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção a desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a VC capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da VC para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.

Palavras de encerramento da XX Assembléia Geral Ordinária da CRB

Na sessão de abertura da XX AGO, convidávamos a todas e a todos para entrarmos juntos na **TENDA – CRB jubilar** e vivenciar um processo que esclareceria as escolhas que deveríamos fazer e os passos a serem dados no próximo triênio. Acredito que fizemos disso uma bela experiência de *ouvir*, como discípulas e discípulos de Jesus, disponíveis a acolher sua mensagem. Ele nos reenvia agora, ao coração do povo. É hora de desmontar as tendas e partir, de acampamento em acampamento, no espírito da itinerância, descobrindo, ao longo da peregrinação, novos rostos clamando pela nossa presença. As forças redobradas, pelos ensinamentos de *coração a coração*, na força da intercongregacionalidade que nos robustece, prossigamos a caminhada.

Vindos não só do nosso imenso Brasil, mas de outros países da grande pátria latino-americana e da Europa, experimentamos a comunhão-participação, preparada durante um ano, pelas comemorações dos 50 anos, celebrados, acredito, por todas e todos as/os que se sentiram impulsionados pelo tema:

Testemunho, Profecia e Esperança. Essa adesão é significativa como apelo comum para a Vida Religiosa no seu conjunto.

Hoje, quero dizer-lhes, irmãs e irmãos, que somos testemunhas mútuas de que vimos e ouvimos aquilo que o Espírito quis mostrar-nos, para além de horizontes antes vislumbrados, agora descortinados. Talvez não tenhamos conseguido ver algo desejado e voltaremos sem respostas. Coloquemo-nos, pois em lugar estratégico, de onde vislumbraremos outros horizontes que encobrem por um momento, a operacionalização de nossas metas. Nossa resposta fiel e criativa ao momento presente, descortinará a cada dia o que virá a ser.

Encerrando a XX AGO, invoco as bênçãos da Trindade, fonte de todo bem, para cada uma e cada um e para a missão que lhes foi confiada. Por nossa vez, tornemos-nos também uma fonte de bênçãos para o mundo.

*Ir. Maris Bolzan, SDS
Presidente Nacional da CRB*

Presença e resistência proféticas a um mundo globalizado e excludente

FREI CARLOS JOSAPHAT, OP

De forma intensa e extrema, na abertura e mesmo no sufoco, religiosos e religiosas vivem hoje um dado essencial e constante da vida consagrada de todos os tempos. Essa vida consagrada é de fato a opção por um evangelismo radical, um modelo de ser Igreja no máximo de fidelidade e densidade. Assim, ela surge e se afirma qual testemunho, profecia e esperança em um mundo que tem sede de Deus, mas não sabe encontrar a fonte de Água viva. Emerge ao mesmo tempo como força tranqüila e eficaz de oposição ao mundo, entendido como o adversário organizado e permanente ao Reino, ao projeto de santidade e de felicidade proclamado e inaugurado por Jesus. Cada religioso e cada comunidade religiosa são chamados a ir ao encontro das aspirações e das necessidades das mulheres e dos homens de cada momento da história, e mais ainda hoje, se vêm intimados a fazer-se solidários com a luta pela justiça libertadora dos excluídos ou marginalizados.

A mais bela visão da vida consagrada

Convém começar por uma certeza estimulante. O Concílio Vaticano II nos dá a mais bela e profunda visão da vida religiosa. A Igreja a profere quando alcança a melhor compreensão do seu próprio mistério de ser mesmo de Deus. A Constituição *Lumen gentium*, de que estamos celebrando o quadragésimo aniversário, resultou de longo e penoso trabalho de elaboração. Finalmente, após triunfar de tanto equívoco e hesitação, heranças de um rançoso clericalismo, veio a colocar no centro da eclesiologia o povo de Deus, a comunidade dos fiéis chamados todos à santidade. E ergue em seu justo lugar, bem no coração da Igreja, a vida religiosa que concretiza a opção daqueles que se votaram ao essencial do Evangelho e da comunidade do Espírito, à busca da santidade, da perfeição evangélica e à irradiação desse projeto pelo testemunho profético que é uma antecipação humilde mas real da esperança escatológica.

É bom marcar: a novidade surpreendente é a simples volta ao Evangelho. Há quarenta anos, chegava às nossas mãos o dom por excelência do Espírito, sob a forma de uma grande conquista da Igreja; ela chegava a se definir como Novo Pentecostes, pois vivia esse imenso carisma comunitário que foi e vai sendo o Concílio Vaticano II. Uma simples comparação pode ajudar a compreender essa auspiciosa virada da história. Na aurora do mundo moderno, o Concílio de Trento (1545-1563), atarefado em desfazer-se das contestações da Reforma protestante, quase que só insistiu sobre a origem divina da hierarquia sacerdotal na Igreja; o que será retomado pelo Concílio Vaticano I (1869-1870); aguilhoado pelo racionalismo e pelas revoluções liberais, aplicou-se apenas a dar um relevo especial ao primado e à infalibilidade do Soberano Pontífice. Vaticano II, sem diminuir em nada a autoridade apostólica dos Pastores, com tranqüila sabedoria opta por um novo paradigma. Caracteriza e exalta a Igreja primordialmente pela santidade, como povo santo, comprazendo-se em destacar a vocação de todos os fiéis à santidade. E daí passa a realçar a vida religiosa, a vocação daqueles e daquelas que se consagram por profissão à busca da santidade. Nessa vocação brilha o elemento es-

sencial e mesmo central, a realização concreta da finalidade e da propriedade constitutivas da Igreja. "Mirando-se no espelho de Evangelho" (Yves Congar), ela se vê como a comunhão dos santos e da santidade, a Igreja santa, comunhão do Espírito Santo.¹

A Igreja de Vaticano II não mais enfrentará o mundo em uma qualquer rivalidade de poderes, mas irá ao encontro e ao auxílio da humanidade com a energia e o atrativo da "Mãe e Mestra", da esposa de Cristo. É neste contexto que se compreende por que, longe de ostentar seu poder hierárquico, a Igreja como que se orgulha de mostrar a vocação de todos à santidade e a vocação especial, professada pelos religiosos e religiosas, de buscar a santidade ou a perfeição do amor evangélico.

Mas, como do Evangelho, também do Concílio, será verdade intrigante o dizer do Senhor: "Quem puder entender, entenda". A palavra conciliar é difícil, porque, para ser aceita, exige docilidade ao amor, no coração de quem escuta, e não apego ao poder.

Sem dúvida o Novo Pentecostes, anunciado e instaurado por Vaticano II, comporta uma certa atualização da Igreja herdeira de formas caducas da cristandade medieval. Mas a novidade essencial que o Concílio inaugura na Igreja e na vida re-

¹ A mensagem e a estrutura da Constituição *Lumen gentium* são extremamente significativas: cap. I: O mistério da Igreja; cap. II: O Povo de Deus (priorizando e desenvolvendo o "sacerdócio comum dos fiéis"); cap. III: Constituição hierárquica da Igreja, e em especial o episcopado (Vaticano I só falara do "Soberano Pontífice"); cap. IV: Os leigos; cap. V: Vocação universal à santidade na Igreja; cap. VI: Os religiosos; cap. VII: Índole escatológica da Igreja peregrina e sua união com a Igreja celeste; cap. VIII: A B. Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja. Tendo-se em conta a história dos Concílios do segundo milênio e mais ainda o projeto pré-conciliar preparado praticamente pelo Santo Ofício, pode-se dizer que essa abordagem da Constituição *Lumen gentium* é admiravelmente profética.

ligiosa, é de outra qualidade. Ele aponta para a identidade do homem e da mulher, que “renascerem da água e do Espírito”, quais novas criaturas, primícias e pioneiros de uma nova humanidade, capazes de reconhecer o verdadeiro sentido à criação e à história, bem como de viver uma escatologia que valoriza a vocação temporal e eterna da criatura humana.

A vida religiosa é a ponta de lança, é o elã do dinamismo pentecostal da Igreja. Em si, ela não entra na categoria do poder, nem mesmo do poder religioso, que distingue na Igreja clérigos e leigos. É humilde e forte energia do amor, é dom inspirando doação, é graça engendrando atitudes e comunidades de pura gratuidade. O que lhe é próprio será precisamente saber exorcizar o poder, buscando libertá-lo sempre da tendência humana de mandar, mais ainda da tentação (diabólica) de dominar e discriminar, e empenhando-se em fazer da autocracia um serviço humilde e generoso buscando o bem, sobretudo dos mais fracos e desprovidos.

Assim, pelo que ela é, como carisma pessoal e comunitário na Igreja de Pentecostes, a vida religiosa é a novidade, forma peculiar de viver inspirada pelo Evangelho, tornando-se ao mesmo tempo a força de renovação, mais atual e a mais proveitosa para o mundo de hoje, submetido a um sistema de globalização concentracionária, dominadora e excludente.

Ruptura com os sistemas de dominação e injustiça

A refundação da vida religiosa, postulada e inspirada por Vaticano II, é o reencontro do projeto primitivo que o

Espírito suscitou para enfrentar a idolatria do mundo pagão, projeto tornado hoje mais exigente e radicalizado diante do recrudescimento da idolatria globalizada. Com efeito, a vida consagrada surge na história da Igreja e do mundo como opção radical pelo dom e pelos valores do Evangelho, num empenho de trabalhar exclusivamente pelo plano salvador e santificador de Cristo e de se opor de maneira total e constante aos adversários deste plano.

É o que vemos, desde o início, nas formas de separação, de fuga do mundo, em suas expressões ostensivas e espetaculares dos anacoretas, dos padres do deserto, até as formas mais discretas dos institutos de vida consagrada ou apostólica dos tempos modernos. Ser religioso, ser religiosa é escolher uma forma de viver e conviver juntando em simbiose perfeita esta dupla missão intimamente ligada:

- primeiro, é preciso testemunhar a presença concreta, vivida do Reino e empenhar-se de maneira total e exclusiva em promover mais e mais a sua vida bem dentro da realidade das pessoas, das famílias e das sociedades, envolvidas todas em um contexto histórico bem determinado. Mais ainda, o que não de visar os religiosos e religiosas é dar uma resposta às aspirações e às necessidades das mulheres e dos homens da atualidade, da atualidade da Igreja e da humanidade, no momento e do jeito em que estão vivendo hoje.
- em consequência dessa primeira opção positiva, impõe-se a coragem de romper com o mundo, com o “pecado

do mundo”, com a realidade social enquanto organização estruturada e animada por um espírito de oposição sistemática ao Reino evangélico, de bondade, de justiça, de amor e de paz.

Por essa dupla atitude de optar totalmente por Cristo, por seu Reino e de renunciar ao Mal, de romper “com o demônio, seus engodos e suas obras”, a vida consagrada atualiza e radicaliza ao extremo a “unção”, as promessas e as renúncias do batismo, que nos une a Cristo crucificado pelo mundo e ressuscitado por Deus e para Deus.

Mas essa opção total e essa renúncia militante do nosso batismo, as quais formam o dinamismo e o tecido de nossa consagração religiosa, assumem hoje um caráter de necessidade urgente para a Igreja e para o mundo, em virtude das condições de uma humanidade atijada pela sede, diríamos pela febre, de uma ambição sem limites, implorando a “misericórdia” de um amor que há de ser deveras infinito.

Em oposição clara e decidida aos adversários do projeto salvador e santificador de Cristo, a sociedade, a civilização e mesmo a cultura, que aí estão, vêm sendo marcadas pelo individualismo, pelo utilitarismo, pelo erotismo, pelo economismo, que sintetiza esses e outros ismos, traduzindo-os em ambição de ter e de consumir cada vez mais. No entanto, todos esses sistemas pervertidos e perversores, embora bem equipados pelos recursos da ciência e da técnica, não abafam totalmente a sedução que homens e mulheres sentem pelo amor desinteressado, pelo dom gratuito de si,

pela generosidade consagrada a fazer a felicidade ou pelo menos a minorar a infelicidade dos relegados e desvalidos.

Há alguns anos, à pergunta: qual a mulher que vocês mais admiram, as mulheres francesas, em maioria surpreendente, respondiam: Teresa de Calcutá. Sem dúvida, não cogitavam em imitá-la, menos ainda em segui-la. Mas tinham dentro de si uma misteriosa afinidade com a beleza de sua heróica vocação de amor.

Dar-se a Deus, superando a ambigüidade

No entanto, os religiosos e religiosas têm que enfrentar agora um outro desafio mais delicado, para não dizer astucioso. Crescem hoje as religiões e aumenta a ausência de Deus. Proliferam devoções e superstições, apela-se para santos e santas, para figuras divinas ou divinizadas. Semelhante sacralização do imaginário, quase sempre revestida em uma atraente religiosidade festiva, relega o Deus vivo e verdadeiro. Tanta coisa benta ou religiosa entulha santuários, mentes e corações, e não deixa espaço para o Santo que paira acima de todo sagrado. Como abrir caminhos ao encontro direto e imediato com Deus, no dom de si, na contemplação e no compromisso social? Como estar do lado de nosso povo, tão necessitado de triunfar das ideologias e manipulações religiosas, de chegar a “falar de Deus e com Deus hoje”, em tempos de globalização e de Nova Era? Está aí a questão, da maior urgência para a humanidade e para as religiões, e muito especialmente para a Igreja de Cristo.

O desafio é lançado de maneira mais forte e direta à vida religiosa. Sem dúvida, primeiro ela tem que enfrentar um mundo que se entregou ao ateísmo, não como forma de pensar, mas como forma de vida. As chamadas elites nem se dão ao “trabalho” de pensar em Deus. O ateísmo agressivo de há umas dezenas de anos se camuflou em um egocentrismo sedento de prazer e bem-estar. O mundo do economismo e do consumismo não tem nem mesmo o mínimo de coragem intelectual e espiritual para se ocupar do Deus Amor universal. Este é sumamente exigente porque se dá totalmente e pede o dom total da vida. Mas, o problema se agravou, quando o mundo do egocentrismo ambicioso e gozador passou a anexar a religião, seja brincando de fazer dela programas de espetáculos festivos, seja montando exercícios coletivos de terapia ou de reconforto para o povo sofrido e excluído do banquete tecnológico.²

A vida religiosa resplandece em toda a sua originalidade e em sua plena atualidade como vida consagrada direta e imediatamente a Deus, ao Deus Amor, verdadeira fonte de felicidade para as pessoas e para o povo. Para além de todas as devoções, de tudo quanto é regra, prática, observância e exercício de piedade, que o mundo veja no religioso, na religiosa, pessoas de Deus, que tudo apostaram em Deus, tendo em Deus a razão e a alegria de viver. Com efeito, são iluminados, movidos e guiados pela Fé, pela Esperança e pela Caridade, essas virtudes

propriamente divinas, pois nos levam ao encontro direto e imediato com Deus no meio da realidade, no centro da vida e da história.

Quando os santuários estão sendo invadidos pelas superstições, pela idolatria e pela simonia, não é hora de nos perdermos em meias palavras e meias medidas. Nosso povo é maravilhosamente bom. Que ele não seja explorado e ludibriado. Religiosas e religiosos, que suas vidas, suas igrejas, suas casas sejam e apareçam como plena e totalmente consagradas a Deus, ao Deus Único e Santo, ao Deus, comunhão e fonte de Amor, Pai, Filho e Espírito Santo.

Comunhão divina e solidariedade universal

O Deus Amor nos chama e introduz na comunhão com ele. Mas, essa comunhão se abre à solidariedade universal, pois Deus, o Deus de nosso coração, é o Amor universal, o Pai que inaugura a fraternidade de todas as pessoas e de todos os povos. Assim o modelo de santidade será tanto mais fiel ao Evangelho quanto mais enlaçar estreitamente a dimensão pessoal e a dimensão comunitária e mesmo social de toda a nossa existência humana. A pessoa é a intimidade, é a capacidade de amar, que só se realiza plenamente em um projeto permanente de dar-se, estendendo-se em um feixe de relações e se estruturando em comunhão efetiva, constante e progressiva.

Ontem e hoje a vida religiosa vem sendo marcada e esterilizada pela ilusão do

² O tema é abordado em meu livro *Falar de Deus e com Deus. Caminhos e descaminhos das religiões hoje*, lançado em junho de 2004, pela Editora Paulus, São Paulo.

“só a sós com Deus” entendido de maneira individualista, abstrata e intemporal. Convém confiar em quem entende mesmo. A grande Mestra Santa Teresa D’Ávila, empreendendo mostrar os caminhos desse encontro a sós com Deus, descreve sucessivamente com minúcia e carinho as sete “Moradas”, insiste que quanto mais a “alma” avança na intimidade com o Esposo, tanto mais ressentido os apelos ao zelo apostólico. Sobretudo a partir da quinta morada, a santa Doutora aponta com certa viveza para o que é a grande e simples verdade do Evangelho: o Esposo da Alma é aquele que deu a vida pela salvação e pela felicidade de todos, ele proclama no íntimo dos corações a exigência inexorável do Amor universal.³ É bem verdade que muita gente não sai do lugar porque não está em lugar nenhum. Seu eu habita um castelo imaginário.

Tentando dar maior consistência e alguma atualidade a essa mensagem evangélica, que tanto insiste sobre a fecundidade social do amor, convém voltar o olhar sobre o difícil empenho de construir uma sociedade deveras justa e solidária. A verdadeira fraternidade humana se funda na comunhão aos valores e aos bens humanos fundamentais. Sem pretender expor uma doutrina da sociabilidade, poderíamos distinguir os vários planos ou patamares de solidariedade suscetíveis de fundar a sociedade entre os seres humanos:

– em um primeiro plano, mais rente ao solo, desdobra-se o modelo mais ge-

neralizado que vem a ser o encontro mais ou menos consistente dos interesses particulares ou de procura da utilidade própria. Uma certa associação se opera porque se buscam as vantagens individuais ou de grupos resstritos, em geral mediante um processo de concessões mútuas. É o que ilustra a famosa fábula dos porcos-espinhos, que se juntariam aproximando-se para se aquecerem uns aos outros, mas evitando se tocar para não se picarem nas farpas do contato recíproco.

- um outro plano é tanto ou mais corrente. Consiste em proclamar que se buscam interesses comuns, em uma espécie de ampliação bem medida e calculada do egocentrismo, formando um denominador comum de interesses particulares, apelando para a exaltação ideológica desses interesses graças à invocação dos direitos humanos. Há defesa ou reivindicação desses direitos, mas enquanto servem de escudo para as vantagens ou ambições de indivíduos, de grupos, classes ou corporações. Apela-se para o direito dos particulares, em detrimento do caráter universal do direito para o bem da coletividade. É a ideologia perversa do sistema atual, por sinal tão astucioso, que se pretende isento de ideologia.
- finalmente, sem excluir sistematicamente certas vantagens utilitárias das posições anteriores, reconhecemos que a qualidade propriamente humana da sociedade se funda em uma comunhão

³ Sobre essa bela e importante mensagem de Santa Teresa, ver em meu livro *As Santas Doutoradas, Espiritualidade e emancipação da mulher*, Paulinas, 1999, p.96-98.

de bens humanos e de valores universais, visando a realização do ser humano, no que ele é em sua natureza, em sua dignidade, mas também no que ele tem de fragilidade e de necessidades, aliás tão amplas e constantes.

Os bens humanos são os elementos de base, que nos envolvem e fazem viver, a começar pelo ar e pela água, em sua pureza como fonte de vida, a terra, os espaços de verdura e de habitação, um mundo limpo, belo, partilhado, oferecendo a todos condições dignas e alegria de viver e de conviver.

Os valores humanos se podem sintetizar na verdade, na liberdade, na justiça, no amor e na solidariedade. Eles vêm a ser a alma, fonte de dinamismo, de retidão, de universalidade verdadeiramente humana da sociedade.

O reconhecimento e a prática desses valores garantem a manutenção ou a promoção dos bens humanos para todos. A infiltração ostensiva e sobretudo camuflada dos modelos interesseiros e ambiciosos de associação compromete desastrosamente a vida e a organização da sociedade, dela fazendo uma estrutura legalizada da desigualdade e da discriminação opressoras.

Sintetizado em sua realidade e em suas aspirações, aí está aí o quadro da sociedade, tão rica em tecnologia e em conforto para alguns e tão miserável em sabedoria, em qualidades humanas, em capacidade de romper os limites do egocentrismo individual e coletivo. É com essa sociedade que havemos de confrontar nossa vida religiosa, esta sendo visualizada não em seus limites e nas

eventuais misérias que contraímos ao contato com o sistema social da atualidade, mas sim no ideal e na forma de vida que o Evangelho nos inspira hoje.

Votos religiosos, resistência ao sistema

Para esse confronto, partimos concretamente dos votos ou compromissos religiosos que animam e estruturam nossa vida consagrada. Na verdade, o que está mais ausente ao mundo dominado pelos sistemas plasmados pela ambição desmedida da riqueza e do poder, é o elã pelo bem, a força transformadora. Mais ainda lhe faltam os modelos concretos de uma renovação inspirada por um forte amor e uma solidariedade efetiva. Esse princípio renovador só se encontra no exemplo vivido por homens e mulheres que estejam apaixonados e possuídos por outro tipo de amor.

Esse amor é energia e generosidade, inspira a busca incansável do bem e o dom de si ao outro e à comunidade. Para bem se afirmar e realizar em sua fecundidade, qual fonte de felicidade para si e para todos, ele se concretiza em atitude permanente de renúncia e de serviço. Semelhante atitude transformadora da vida se inscreve nas fontes do dinamismo humano, na sua capacidade e no seu desejo:

- de ter, de dispor das coisas,
- de se dominar e de se dar na harmonia de seu corpo e de seu sexo,
- de empregar suas energias no trabalho e na criatividade,
- e de chegar a construir sua vida familiar e profissional.

Tais são os grandes domínios de uma existência humana, que se oferecem ao eã e à elevação do amor, dele recebendo o sentido, a harmonia e a grandeza de se realizar na dignidade de uma pessoa e de colaborar para a edificação de uma sociedade verdadeiramente humana. Essa vida humana assim assumida e impregnada pelo amor vem a ser a oblação consagrada e entregue a Deus, ao seu reino, ao seu Povo pelos nossos votos religiosos.

É pela beleza conferida por essa consagração total à nossa vida que ela começa por exercer uma fascinação, a dar um dinamismo e uma eficácia à nossa missão apostólica.

Os votos têm um primeiro sentido, mais acessível e mais explorado, talvez com acerto, na primeira formação religiosa. Eles aparecem com clareza como preparação e disposição para buscar e alcançar uma possibilidade maior de amar. No entanto, esse compromisso livre, maduro e forte de renúncia às coisas e a si, para melhor dar-se ao Amor perfeito e universal, tem um sentido ainda mais profundo. Os votos exprimem também e sobretudo a atitude constante, organizada, estruturada de total dom de si ao Reino e de ruptura com o anti-Reino, com o mundo idolátrico. Hoje, essa renúncia radical, esse "não" lúcido e desassombrado, é a primeira contribuição generosa que nossa vida comunitária e apostólica pode oferecer ao nosso País e mesmo à humanidade, na aurora deste 3º. milênio de esperanças e inquietações.

A castidade consagrada é uma graça de predileção com que o Senhor envolve religiosos e religiosas por pura bondade sua, mas ela resplandece muito fortemente

como um carisma singular na Igreja e no mundo. Muitos indícios, como a batalha terrível em torno da AIDS, mostram como os homens e as mulheres padecem hoje a maior dificuldade por não terem um mínimo de domínio de sua sexualidade. O amor é exaltado e cantado em prosa e verso. Mas, para a maioria, é paixão que não dura. É sede e ânsia de prazer que se esvaem e deixam apenas a permanência de um vazio inquieto.

Nossa vocação apostólica, sobretudo, diante dos jovens, terá sua primeira força na alegria de um amor que não se prende exclusivamente a ninguém para ser a epifania do divino Amor Universal. Não construímos um lar, não constituímos uma família, precisamente para estarmos a serviço de todos os lares, de todas as famílias, de todos os jovens e de todas as jovens em busca de amor verdadeiro e estável, - todos esses sedentos de felicidade que o Senhor nos confia. Tal é, em resumo, a resposta que Lacordaire (frade dominicano) dava aos que lhe perguntavam pelo sentido de seu celibato consagrado.

A pobreza religiosa foi particularmente destacada, desde S. Domingos e S. Francisco, como qualidade primordial e exigência a mais radical de uma vocação apostólica na Igreja. Uma Igreja rica, ligada aos ricos e poderosos, surge como um escândalo, como obstáculo absoluto à pregação do Evangelho sobretudo aos menos favorecidos.

Temos que ser e parecer pobres

É preciso viver intensamente o desapego e o uso desinteressado dos bens, de modo a testemunhar o amor, o primado

do amor, da maneira que o mundo necessita mais hoje, porque todos andam espiçoados pela ambição de ter mais ou pela angústia de não ter o suficiente. Nossa consagração não deve aparecer primeiramente como um conjunto de deveres e regras a cumprir, mas há de irradiar claramente o amor, traduzido em uma alegre renúncia, geradora de recursos para viver e trabalhar em benéfico de todos, especialmente dos mais necessitados. Religiosos e religiosas de hoje não de ser o laço de união, a força reconciliadora de um mundo despedaçado pelos acúmulos, pelas misérias e pelos desvios do economismo.

A obediência é o voto mais abrangente. Ele ilumina e determina de certo modo a compreensão dos outros votos e mesmo da orientação de toda a nossa vida consagrada, pois nos liga livremente aos objetivos de uma família religiosa, nela e por meio dela, nos consagrando a viver e propagar, no dia a dia, o Reino do Amor e do Dom.

Com efeito, a vida religiosa é um projeto de felicidade a se realizar plenamente pela liberdade e pelo amor. Em um elã de amor e de liberdade, assumimos nosso projeto pessoal de vida e o consagramos ao projeto de Cristo. No seguimento dele, animados por seu Espírito de Amor, damos-nos ao Pai, de modo que nossa vida seja aquela oração encarnada:

*"seja feita, em toda parte, vossa vontade amorosa,
venha para todos o Reino da santidade e da felicidade!"*

A obediência comporta dificuldades especiais, pois damos nossa vontade a

Deus, colocando-nos nas mãos de outros seres humanos, consagrados sem dúvida, mas limitados como nós mesmos. No entanto, é importantíssimo entender que a obediência, em si, é ato e atitude constante de amor. Ela identifica nossa vontade com o projeto apostólico da Igreja, concretizado em nossa família religiosa. Entregamos nossa capacidade de agir, nossa capacidade de conceber e executar projetos, nossa criatividade, nossa imaginação, tudo entregamos ao projeto de Deus.

Essa entrega jubilosa e responsável não é feita diretamente aos fundadores ou fundadoras de nossas famílias religiosas, mas às suas imagens vivas, nem sempre tão parecidas com eles: no amor e por amor serei obediente a Deus, aqui sacramentado no superior ou na superiora desta comunidade, de carne e osso, animados e sacudidos (como eu) por interesses e paixões. A força criativa e renovadora da obediência depende desta verdade simples e difícil: que a vida de cada religioso ou religiosa não mais lhes pertença, e se vá realizando na rudeza do dia a dia, naquele dom total de amor, oferecido de uma vez, com encantadora generosidade, no amanhecer da existência.

Nova criatura evangélica e a idolatria do egocentrismo.

Renovar-se para renovar o mundo.

Está aí o desafio evangélico, radical em toda sua verdade, embora venha grandemente camuflado hoje, pelo aparrato e pelo ruído de vagas e mais vagas de uma imensa inundação de religiosidade senão de religiosismo que perpas-

sam pelo mundo e invadem até nossos santuários.

A vida consagrada crê e aposta tudo na nova humanidade, na nova criatura iluminada pelo Evangelho e animada pelo Espírito. Assim, os religiosos e as religiosas são chamados a ser a vanguarda do povo da Nova Aliança, dotada da sensibilidade profética para detectar os esboços já bem avançados dessa nova humanidade, que é o anteprojeto do modelo divino do ser humano, criado à imagem da santidade e da bondade de Deus.

É um progresso que constatamos em nossos dias quando vamos decifrando os "sinais dos tempos". Pois, graças ao novo pentecostes que foi Vaticano II, a vida religiosa vai tomando consciência da sua plena identidade evangélica e, ao mesmo tempo, ela pode também discernir, em contraste, o rosto da nova humanidade que hoje se anuncia e se vai configurando, com alguma segurança de si, como a antítese do Evangelho.

Pois damos com o ser humano que tenta fazer-se ou refazer-se, não em um projeto de inspiração generosa e comunitária de construir um mundo mais harmonioso e feliz para todos, mas seguindo um figurino terrivelmente egocêntrico. Nele, cada um por si e para si escolhe como valor absoluto nova forma de aparecer, de performance, de prazer, de conforto, de ter mais e mais coisas e condições para se afirmar e dominar. Trata-se de ajeitar o meio ambiente, o próprio corpo, o organismo, o psiquismo visando o máximo no gozo individual e coletivo da sexualidade. Haja recursos conjugados da economia e da técnica, não apenas para fabricar novos ído-

los para o ser humano, mas para fazer uns ídolos vivos dos homens e das mulheres, remodelados, replastificados por dentro e por fora, aliás mais por fora do que por dentro.

Olhando de mais perto, vemos que a pobreza, a castidade e a obediência religiosas estão submetidas a um desafio especial e devem enfrentar problemas novos. Pois todos os homens e todas as mulheres se vêem hoje às voltas com a necessidade de se dobrar aos imperativos da economia, da macroeconomia e da microeconomia, às exigências do poder econômico mundial e das suas redes e dos seus representantes mais próximos a nós.

Ora, não somos chamados a nos acomodar passivamente às tendências e realidades econômicas, mas a afirmar com inteligência, com energia, com espírito de luta, se necessário, toda a radicalidade evangélica diante dos sistemas, tendo em conta suas exigências reais e as possibilidades efetivas que eles nos deixam.

Todas essas dificuldades, ligadas sobretudo ao sistema econômico em que vivemos, assumem exigências bem concretas, pedindo capacidade de adaptação e uma boa soma de coragem e discernimento. Herdamos do passado certas formas, que são ou parecem tradicionais, que condicionam nosso modo de viver a castidade, a obediência e especialmente a pobreza. Temos aí um certo ponto de partida, contendo lições e limites, exigindo espírito de fidelidade, não repetitiva mas criativa. Quando necessário, havemos de inventar juntos, comunitariamente, os modelos dessa fidelidade. E isso, sem perda de tempo. Pois para nós o tempo não é dinheiro. É muito mais. É o inestimável

tesouro da graça, da chance divina de fazermos avançar o Reino do Amor.

É oportuno senão urgente encarar os problemas e desafios da economia primeiro nos campos da pobreza consagrada.

A pobreza religiosa parte de uma convicção ampla e profunda, abrangendo:

- o valor do desprendimento.
- a necessidade de colocar nossos bens e nossa capacidade de utilizar o necessário para o êxito do apostolado.
- a urgência de estabelecer prioridades, de fazer opções bem determinadas nos investimentos de pessoas e coisas, sabendo privilegiar o mais importante e mesmo o essencial em todos os campos de nossas atividades.

Para os religiosos e religiosas, a pobreza não pode surgir sempre como um "problema", um domínio de hesitações, de discussões, de desconfianças e suspeitas. Se isso começar a acontecer, um meio de perfeição vai virando um tropeço. Seria o caso de nos colocar pessoal e comunitariamente diante do Senhor, e dizer-nos fraternalmente uns aos outros: "Gente, como pode acontecer em uma família qualquer, o dinheiro está destruindo nossa vida fraterna e corroendo nossa força apostólica".

A pobreza religiosa há de ser realista e operacional. Não devemos fazer uma espécie de absoluto das normas de pobreza, mas partirmos da visão evangélica, apostólica: as coisas são para as pessoas; os recursos estão aí para realizar os objetivos apostólicos determinados com discernimento. Portanto, havemos de adquirir, conservar imóveis, carros, ins-

trumentos de trabalho, vendo se, no preço e no rendimento, são ou não bem adaptados às nossas atividades e necessidades apostólicas.

É fundamental saber valorizar o nosso trabalho remunerado ou não. Os trabalhos feitos em casa e para a casa devem ser "contabilizados", no sentido de que sejam estimados, e quem os executa seja bem apreciado pela contribuição real que dá à comunidade, na mesma medida daqueles que "contribuem para a caixa comum" de maneira mais aparente.

Devemos amar o Senhor e nossa comunidade que é dele, empenhando-nos com toda a nossa inteligência, colocando a técnica econômica a serviço da eficácia apostólica de cada uma de nossas pessoas e de nossas comunidades. Assim, as propriedades imobiliárias ou os móveis de valor (carros, computadores...) devem ser julgados segundo sua utilidade efetiva, evitando desperdícios, mau uso ou utilização pouco apropriada desses meios.

À luz do Evangelho e da nossa vida fraterna, é da maior importância que haja e que se veja que há igualdade na distribuição do que é necessário e do que é conveniente para todos, evitando medidas e situações de privilégios.

Parece interessante dar uma atenção conjunta aos problemas delicados e conexos da pobreza e da castidade, ambas consagradas em nossa vida.

Nossa castidade e nosso amor consagrados supõem e exigem, hoje mais que no passado, uma valorização, uma estima do corpo, da aparência, não em vista da vaidade, mas de nossa presença, de nossa influência e irradiação apostólicas. É indispensável saber investir no

corpo, tendo-o como o grande bem que recebemos e que colocamos a serviço da eficácia de nosso apostolado.

Levantemos lealmente a questão: como a castidade, como o amor universal e gratuito que professamos se caracterizarão hoje em confronto com o erotismo dominante no mundo e com o luxo dispendioso dos homens (e talvez mais?) das mulheres?

Os excessos são relativamente fáceis de definir senão de banir: nem o desleixo, o descaso, o triste espetáculo de quem parece carregar o corpo como um peso, nem a vaidade ou o galanteio disfarçados.

O mais difícil é criar um clima geral de valorização até de nossa aparência de pessoas consagradas, dentro da variedade e da discricção convenientes, no uso de jóias e adornos, de vestes, cortes e penteados de cabelos. O que foi edificante e bem ajustado ontem, não mais o será talvez hoje. Não deveríamos reconhecer que também aqui tem lugar a verdade do ser e do aparecer: a busca da verdade, na simplicidade, na lealdade, no diálogo fraterno e comunitário, se estende a todos os cantos e recantos de nossa vida.

Atendendo à conjunção da obediência e da pobreza no que toca à dimensão apostólica de nossa vida, não seria oportuno lembrar: a obediência visa promover o bem comum de cada comunidade, de cada província e de toda a Congregação, estabelecendo o jogo harmonioso das iniciativas e das intervenções oportunas dos responsáveis, dos superiores de diferentes níveis. Há espaços de liberdade a estabelecer e a delimitar no uso dos bens, do dinheiro, das contas próprias e comuns, nos cartões e outros

pronomes de que se serve o dinheiro hoje.

Devemos ter a simplicidade de discutir todos esses assuntos, que não são estranhos ou profanos, mas pertencem ao tecido de nossa vida consagrada. Havemos de ter o empenho de chegar juntos a posições razoáveis e mais favoráveis à eficácia de nossa vida comunitária e de nosso trabalho apostólico.

Estratégia apenas sugerida

A partir dessas reflexões e do grande desejo de vivermos *hoje* com fidelidade e entusiasmo nossa opção radical pelo Evangelho e nossa consagração apostólica, diante do desafio dos sistemas da sedução, da corrupção e da opressão, será conveniente que nos examinemos em particular e comunitariamente:

Como ouvirmos a voz do Senhor "hoje"?

No "hoje" da Igreja, de nossa Comunidade, da sociedade, da mentalidade, das exigências, das possibilidades econômicas, dos espaços criados ou deixados pelo sistema sócio-econômico em que estamos envolvidos de toda parte.

Especificando, segundo nosso método usual, como fazemos em nossas campanhas, comecemos pelo plano do "ver":

- lançar um olhar leal e cuidadoso sobre a realidade, o que se passa, o que está acontecendo no País e no mundo; ser atentos à situação que nos cerca, analisar as conjunturas e estruturas em nosso País e no mundo, pois tudo o que mexe conosco, interpela nossa vida e nosso trabalho apostólico.
- sobre o que fazemos e deixamos de fa-

zer com nosso trabalho, nossas obras, nossas casas, nossas instituições.

- sobre a imagem que damos de nós, de nossas pessoas, de nossas comunidades; somos evangélicos e evangelizadores, e somos vistos como tais?

No plano do "julgar":

- sempre à luz do Evangelho e de nossa vocação apostólica, quais são as urgências e prioridades, nas comunidades, nas províncias e no conjunto da Congregação ou do Instituto?
- o que há a ver e a rever, com a coragem evangélica de corrigir o que "não vai bem" e aperfeiçoar a vida comunitária e nossa marcha evangelizadora?
- teremos a audácia e o jeitinho de descer aos pormenores nos campos mais delicados, que riscam de nos dividir, aceitando a igualdade e as diferenças convenientes à nossa vida e ao nosso compromisso apostólico e social?

No plano do "agir" (por exemplo):

- como estabelecer a escala do que é *mais urgente*, e optar pelos caminhos e escolher os meios de *fazer logo*.
- distinguir o que pede um *médio ou um longo prazo*, e estabelecer as *etapas* de realização.
- como tornar concreta e bem operacional a "distribuição de rendas" *dentro* das comunidades e *entre* as comunidades?

É bem possível que tenhamos chegado a um plano em que mais vale a intuição e o que conta mesmo é o que Padre Lebret chama a "espiritualidade da ação", as chagas invisíveis das mãos calejadas. Então, é só deixar o coração falar e ver lá as exigências do amor evangélico e do *elã* apostólico, ditando o como realizar o carisma da vida consagrada na Igreja e no mundo de hoje.

Esse mundo é difícil e escorregadio. Mas é o mundo que "o Pai amou e ao qual deu o seu Filho" (cf. Jo 3,16), e que seu Filho, em requinte de amor, passou para nós, com um daqueles seus recados estimulantes, densos de mistério e com uma ponta de humor: "em verdade, em verdade, eu digo a vocês: quem crê em mim fará as obras que eu faço e fará até maiores ainda" (Jo 14,12).

Frei CARLOS JOSAPHAT, O.P., teólogo dominicano, professor emérito da Universidade de Friburgo, Suíça, escritor, autor de "Fé, Esperança e Caridade", Edições Paulinas, São Paulo, 1998. Evangelho e "Diálogo Inter-religioso". Edições Loyola, 2003. "Falar de Deus e com Deus - caminhos e descaminhos das religiões hoje", Paulus, São Paulo, lançamento previsto para junho 2004, entre outros. Atualmente leciona na Escola Dominicana de Teologia em São Paulo, e no Instituto Teológico de São Paulo entre outros.

Endereço do autor:

CONVENTO SAGRADA FAMÍLIA

Rua João de Santa Maria, 142

Jd. da Saúde

04158-070 São Paulo - SP

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1- Que pode fazer a sua congregação ou província para que seus religiosos, religiosas assumam o compromisso efetivo de ser presença e resistência profética nos diferentes contextos em que estão inseridos?
- 2- Você considera viável a superação das ambigüidades que marcam a sociedade atual? Como a Vida Religiosa pode colaborar nessa importante tarefa?
- 3- Como tornar transparente no mundo de hoje o sentido dos votos como ruptura com o anti-reino, como mundo idolátrico?

Testemunhas de uma esperança escandalosa

JUNG MO SUNG

Quando fui convidado pela revista *Convergência* a escrever um artigo sobre o testemunho da vida religiosa no mundo de hoje regido pelo neoliberalismo e consumismo, eu aceitei prontamente porque eu acho muito significativas as contribuições e o testemunho que as instituições e pessoas da vida religiosa podem dar à sociedade e à Igreja. Mas, eu me vi em dificuldade assim que comecei a pensar em um eixo para o artigo. Há tantos desafios colocados para a sociedade, para a Igreja e, em particular, para a vida religiosa que eu fiquei meio perdido. Eu não queria fazer uma lista imensa dos desafios, pois essas listas grandes nos confundem mais do que nos ajudam. Além disso, na vida religiosa há tantos carismas e tantas áreas de atuação que nenhuma lista de desafios e tarefas poderia dar conta dessa diversidade. Por isso, resolvi começar perguntando o que o povo e os pobres em especial mais esperam dos/as religiosos/as?

Eles não esperam que religiosos/as assumam o lugar dos políticos ou dos administradores públicos. Com a separação das funções entre o Estado e a Igreja nas sociedades modernas e a democratização, há instituições, como partidos políticos, para essas funções. Eles também não esperam que religiosos/as assumam o papel de entreter as suas vidas, bancando artistas, ou o papel de representantes do castigo divino, pois as suas vidas já estão cheias de medos, repreensões e castigos. Eu penso que o povo em geral e os po-

bres em particular esperam que os/as religiosos/as lhes levem um pouco de esperança, uma esperança “densa” que seja capaz de iluminar suas vidas e lhes dar força para continuarem lutando pela afirmação da sua dignidade e por uma vida mais alegre de ser vivida. Podemos dizer uma esperança cristã, aquela que vem acompanhada de fé e caridade.

É sobre esse tema, ser testemunhas da esperança, que quero apresentar aqui algumas idéias.

1. Uma esperança que nasce da cruz

Ser cristão é ser continuamente testemunha da mensagem central do cristianismo: Jesus de Nazaré, aquele que foi condenado pelo Templo e o Império Romano, aparentemente abandonado por Deus na cruz, e que ressuscitou! Essa fé na ressurreição de Jesus não é uma mera afirmação da vida pós-morte, pois quase todas as religiões – para não dizer todas – pregam a vida pós-morte. É a afirmação da ressurreição de um derrotado, de um condenado à morte da cruz, uma morte abominável, em nome de Deus e em nome do poder do Império. É a ressurreição de um “sem-poder” e “sem-deus”. Algo que não está nas doutrinas religiosas tradicionais e nem é concebível em termos da razão e, por isso, algo que nem os seus discípulos mais próximos esperavam.

Por isso, a fé cristã é inconcebível sem uma esperança radicalmente nova. O cris-

tianismo nasceu como um grito de esperança no interior do “todo-poderoso” Império Romano, uma esperança que é ‘escândalo’ e ‘loucura’ (1Cor 1,21-25), porque não corresponde às racionalidades do poder e sim à experiência da cruz. Uma racionalidade incompreensível para os poderosos deste mundo (cf. 1Cor 2,8).¹

Para que o anúncio da ressurreição de Jesus tenha um real significado nas nossas vidas, e que não seja apenas uma informação ou uma doutrina religiosa que recebemos e passamos adiante sem gerar essa esperança radical, precisamos passar por ou, pelo menos, entender a crise dos “discípulos de Emaús”: “Nós esperávamos que fosse ele quem redimiria Israel...” (Lc 24,22). A esperança desses discípulos não é a mesma esperança que nasce depois da experiência da ressurreição.

A esperança defraudada dos discípulos estava baseada na promessa de que Deus enviaria um messias com poder e sabedoria suficiente para expulsar os romanos, restaurar o Templo e implantar o Reinado de Deus. Mas, “faz três dias..., dois mil anos” e parece que nada ou muito pouco mudou no mundo. O Império Romano foi substituído por outros impérios e hoje vivemos sob o domínio político-militar do Império Norte-Americano e da globalização econômica de corte ainda neoliberal.

É verdade que muitos de nós, que engajamos na luta pela libertação dos pobres e na construção de um novo modo de ser Igreja que fosse mais simples, servicial e do Povo, também chegamos a acreditar

que finalmente o tempo tinha chegado e que o Reino estava ao nosso alcance no horizonte. Mas também essa nossa esperança baseada no poder de Deus libertador que “caminha à nossa frente” não se realizou e muitos de nós descobrimos que o Reino pode e deve ser o nosso horizonte, e que por ser um horizonte nunca conseguiremos alcançá-lo. O que podemos é construir relações e instituições sociais e religiosas mais humanas que sejam sacramentos desse Reino.

Diante de frustrações dos sonhos e esperanças mais profundas, a tentação de voltarmos para o aconchego e a segurança das nossas “casas”, do nosso mundinho, é muito grande. A razão sensata nos pede que voltemos ao nosso cotidiano, abandonando a loucura de querermos construir um mundo diferente, melhor e mais humano. Ou então, que nos voltemos para os afazeres cotidianos das nossas vidas eclesiais e religiosas, prestando culto e louvando a Deus, esperando que Ele, no seu poder e sabedoria, nos conduza à vida eterna. Uma outra tentação é a de reafirmarmos para nós mesmos que a realização da nossa esperança só foi postergada e que o poder de Deus ainda vai se manifestar no interior da história, por meio das lutas dos pobres e estabelecer o Reinado de Deus em plenitude: uma sociedade sem maldade ou opressão, sem pecado e sem falhas humanas. Uma esperança que não leva em consideração a condição humana e as contradições inerentes à história.

A nova esperança que nasce da fé na

¹ Vide MÍGUEZ, Néstor O, “Para não ficar sem esperança: a apocalíptica de Paulo em 1Ts como linguagem de esperança”, em: *Revista de Interpretação Bíblia-RIBLA*, nº 7 (Apocalíptica: esperança dos pobres), 1990/3, Petrópolis-S.Paulo-S.Leopoldo, pp 41-58.

ressurreição de Jesus, o Crucificado, não nega a história – seja colocando a esperança só na vida pós-morte, fora da história, seja não reconhecendo os limites e as contradições da história –, mas cria um espaço de vida diante da opressão e morte. É uma esperança incompreensível para a racionalidade dominante, para a lógica do poder, mas não é uma esperança irracional. Ela tem uma “racionalidade”, uma razão de ser, por isso devemos “dar a razão da nossa esperança” (1Pd 3,15).

Para podermos dar a razão da nossa esperança, é importante lembrarmos que a esperança tem uma relação estreita com o processo de conhecimento. Quem não tem esperança de nada, não pode conhecer nada de novo, pois está fechado no que existe e não se abre para nenhuma novidade. Quem tem esperança deseja algo que ainda não existe e, por isso, é capaz de ver as insuficiências do mundo que existe e as sementes do novo que estão germinando. Ao mesmo tempo, o conhecimento dos limites, das insuficiências e das possibilidades do mundo atual, fortalece a esperança de um mundo que supere em todo ou em parte esses limites e insuficiências e mostra os caminhos do novo que está brotando e florescendo. Por isso, é importante conhecermos as características fundamentais do mundo em que vivemos hoje, para que esse conhecimento marcado pela esperança alimente a nossa esperança.

2. Neoliberalismo

A globalização econômica, a revolução tecnológica, encontros e desencontros entre diversas culturas, as lutas nos campos das relações de gênero e de etnias, os movimentos pelos direitos dos homossexuais,

a luta pela democratização, a constituição de blocos regionais, a explosão demográfica, problemas ambientais; especialmente o do efeito estufa e da falta de água potável, são algumas das características do nosso tempo. Como não é possível abordar aqui muitas questões, eu quero privilegiar (não tanto porque eu os acho os mais importantes, mas porque é o campo que tenho pesquisado mais) dois aspectos que marcam a vida e a esperança dos pobres no Brasil e na América Latina: o neoliberalismo e a cultura de consumo.

Todos os impérios ou sistemas sociais opressores e totalitários se justificam e procuram legitimar as suas opressões com a idéia de que não há salvação fora deles. Pois, se não há nada de bom fora deles, todas as esperanças de um mundo diferente se tornam esperanças vãs e tolas, e todas as formas de opressão se transformam em sacrifícios necessários em nome do cumprimento das leis do império. Com isso, os sofrimentos dos pobres e das vítimas das relações de dominação deixam de ser sofrimentos a serem combatidos para se tornarem castigos de uma divindade encarnada no sistema ou algo sem importância. Quando os sofrimentos das pessoas são considerados em nome das exigências de um sistema social ou religioso, estamos diante de um processo idolátrico!

O atual processo de globalização ainda continua se desenrolando sob a hegemonia da ideologia neoliberal. Eu digo “ainda” porque o neoliberalismo tem perdido prestígio e força nos países do Primeiro Mundo, apesar de ainda ser imposto sobre o Terceiro Mundo. E um dos aspectos mais visíveis do neoliberalismo é a sua tese de que não há salvação fora do mercado. Isto

é, não haveria possibilidades de desenvolvimento econômico e social fora da obediência estrita às leis do mercado livre. Na verdade, mesmo que a ideologia neoliberal seja colocada de lado pelos principais ideólogos do capitalismo, essa idéia de que devemos obedecer quase que cegamente às leis do mercado, provavelmente sobreviverá em uma próxima ideologia a serviço do capitalismo.

Para entendermos e desmascaramos essa ideologia, precisamos nos lembrar que um dos pilares centrais do neoliberalismo é a sua teoria sobre a capacidade humana de conhecer as realidades complexas. Os teóricos do neoliberalismo partem da tese correta de que nós não somos capazes, por causa da nossa condição humana, de conhecer plenamente todos os fatores e as relações que tecem um sistema econômico amplo e complexo. Como a economia moderna de mercado funciona mesmo sem o conhecimento pleno por parte dos seres humanos, sem o planejamento e controle de uma instituição centralizada, eles aplicam ao mercado a teoria da auto-organização de sistemas complexos. Isto é, o mercado, como um sistema, se auto-organiza a partir das ações, reações e efeitos intencionais e não-intencionais dos agentes econômicos, sem um controle consciente por um agente que estaria fora do mercado.²

O problema não está nessas duas idéias, mas sim na conclusão que se tira delas. Para os neoliberais, na medida em que não podemos conhecer todos os elementos que compõe o sistema de mercado, nós não devemos intervir no mercado em nome de

metas sociais. Pois, para eles, toda intervenção no mercado em nome das metas sociais, que têm como finalidade melhorar a justiça social, geraria mais problemas sociais do que soluções. Isto porque a intervenção sem conhecimento pleno do funcionamento do mercado traria, segundo eles, somente mais ineficiência econômica e com isso mais problemas sociais.

Então como podemos ser solidários com os pobres? Para os neoliberais só há duas formas: no nível micro-social, filantropia (por ex., Igrejas dando de comer aos pobres ou campanhas de agasalho ou uma pessoa ajudando a outra) e no âmbito macro-social, maior liberdade para o mercado. A solidariedade social seria fruto da concorrência entre os agentes econômicos do mercado livre; mercado esse que geraria sempre melhores resultados benéficos para toda ou para a maioria da população.

Uma pergunta deve ser feita aos neoliberais: se é verdade que não podemos conhecer todos os elementos do sistema de mercado, como podemos saber que o mercado sempre irá produzir melhores resultados possíveis para a sociedade? A resposta deles? É preciso ter fé no mercado! Ter fé que o mercado irá gerar sempre o melhor resultado. Se até agora o sistema de mercado não solucionou os problemas sociais da maioria da população mundial é por culpa, segundo os neoliberais, dos que em nome das metas sociais impedem a liberdade total do mercado.

A crítica que deve ser feita, para que a nossa esperança seja também fundada em algo razoável, é que a noção de que "fora

² Sobre este tema, vide por ex., SUNG, Jung Mo. *Sujeito e sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2002, cap. 4. Nova forma de legitimação da economia.

do mercado” não há salvação é uma conclusão inválida, tanto econômica quanto teologicamente. É exatamente porque não podemos conhecer plenamente o funcionamento do sistema de mercado que não podemos afirmar que o mercado gerará sempre os melhores resultados possíveis para a sociedade. E, por isso, é preciso sempre lutarmos por realizar metas sociais. A afirmação neoliberal só se sustenta baseada em uma fé idolátrica, uma fé que absolutiza e dá caráter de providência divina a uma instituição humana que exige sacrifícios de vidas humanas.

Uma das bases fundamentais da esperança é a afirmação de que nenhuma realidade humana é eterna e absoluta, por mais poderosa que seja o Império. É a crítica à idolatria do mercado, à absolutização do mercado, e a afirmação da fé em um Deus que está além de todo e qualquer poder imperial. Confessar a fé em um Deus que, mesmo estando no meio do seu povo, transcende a toda realidade histórica é uma forma de afirmar que toda as instituições humanas, por mais poderosas que sejam não são absolutas e nem eternas: o novo ainda pode e vai nascer.

3. Cultura de consumo.

Para que a esperança de um mundo mais humano possa fazer sentido, além de negar o caráter absoluto do sistema imperial vigente, é preciso afirmar a dignidade fundamental das pessoas excluídas do sistema de mercado. A esperança deve ser ancorada na negação do caráter divino do siste-

ma dominante e na afirmação da dignidade fundamental de todas as pessoas, especialmente dos excluídos e desesperançados.

Sem a experiência de se sentir gente, com dignidade humana, os pobres não conseguirão compreender que o Império não é absoluto e nem representa a vontade divina. Pois palavras não bastam quando a experiência marcante da sua vida é a de impotência diante do mundo e a de autonegação ou a de auto-estima quase nula.

A experiência de ser pobre ou a de encontrar um pobre varia de acordo com a pessoa e com a cultura onde se dá essa experiência. Pois, a pobreza, como tudo na vida humana, é interpretada através de uma determinada cultura. Ser pobre hoje em uma sociedade capitalista é muito diferente do que ser pobre em uma comunidade franciscana primitiva, mesmo que o efeito da fome sobre o corpo seja biologicamente semelhante. Diferentes culturas geram diferentes percepções e conhecimentos sobre o que é ser humano e o que é o pobre. E a cultura dominante do nosso tempo, a cultura dentro da qual nós, pobres ou não, estamos mergulhados, é a cultura do consumo.³

Com a noção de cultura de consumo estamos querendo enfatizar que o mundo das mercadorias e a sua lógica e seus princípios são centrais para a compreensão da sociedade contemporânea. As mercadorias, materiais e simbólicas, não são mais apenas utilidades, mas sim principalmente signos comunicadores nas relações humanas e sociais. Não somente comunicam, mas

³ Sobre esse tema, vide por ex., FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995; CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1996.

também são definidores da identidade das pessoas e de grupos sociais. “Consumo, logo existo!” ou “Você é o que consome!” são expressões que explica e explicita a vivência dessa cultura no cotidiano das pessoas.

A construção da identidade e das diferenças, tanto na escala vertical – o superior e o inferior –, quanto nas diferenciações horizontais – pertencer a um grupo diferente do outro na mesma escala vertical – se dá fundamentalmente pela capacidade de consumo e pelos gostos diferenciados. Por isso, a classe alta esbanja dinheiro em ostentações e a classe média alta sonha em ter carros importados de luxo ou superesportivos que custam muito mais do que apartamentos confortáveis, mesmo que vão deixá-los guardados na garagem maior parte do tempo; e jovens pobres sonham com tênis importado que custa mais do que o salário mínimo, mesmo que não pratiquem esportes que exigem tênis de tão boa “qualidade”. Porque no fundo desejam pertencer a uma classe ou a um grupo social que parece ser mais “gente” por ter “melhores” bens de consumo.

Um exemplo dessa redução do sentido da vida à aquisição dos bens de consumo que comunicam o seu *status* pode ser encontrado na autobiografia de David Rockefeller. Falando da casa onde passou a infância, ele diz:

Exceto Louise e alguns filhos dos empregados da propriedade, eu não tinha muita companhia. Às vezes levava alguns amigos de fora para o fim de semana, mas com mais frequência passava meus dias sozinho.

Apesar disso, a propriedade era um paraíso para uma criança. [...] meu

pai construiu uma grande casa de jogos no alto da colina de Abeyton Lodge com uma academia de ginástica, piscina coberta, boliche, quadra de *squash* [...] Havia um número infinito de lugares para brincar, mas lembro-me em geral de ter brincado sozinho ou com um tutor que vinha para o fim de semana.⁴

É muito estranho uma criança achar que o lugar é um paraíso apesar de não ter ninguém para brincar. Talvez essa memória da infância esteja sendo influenciada pela visão de Rockefeller adulto que já internalizou completamente a cultura de consumo. Mas, mesmo que a criança David tenha achado que o lugar era um paraíso, o fato de ele dizer duas vezes que passava os dias sozinho mostra que no fundo não era um paraíso. Isto é, ele não se sentia muito bem com a situação de ter muitos brinquedos e ninguém para brincar junto. Contudo, ele havia aprendido ou aprendeu mais tarde que o paraíso a ser sonhado não está centrado nas relações humanas gratificantes, mas na posse de propriedades e bens de consumo desejados por outros que não podem ter.

O sonho de consumo produz, por sua vez, os medos e os pesadelos da sociedade. Zygmunt Bauman diz que “todo tipo de ordem social produz determinadas fantasias dos perigos que lhe ameaçam a identidade. Cada sociedade, porém, gera fantasias elaboradas segundo sua *própria medida* – segundo a medida do tipo de ordem social que se esforça em ser. De um modo geral, tais fantasias tendem a ser imagens espelhadas da sociedade que as gera, enquanto a ima-

⁴ Rockefeller, David. *Memórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p. 36.

gem da ameaça tende a ser um auto-retrato da sociedade com um sinal negativo.”⁵ E a sociedade, por causa do seu sentimento de insegurança, acaba por desenvolver a mentalidade de uma fortaleza sitiada por inimigos, que no fundo nada mais são do que os seus “demônios interiores”.

Na nossa cultura, o consumo se tornou a medida de uma vida bem-sucedida, da felicidade e da decência humana. Com isso, a noção de limites para os desejos humanos foi apagada e se instaurou a idéia de que todos têm o direito e a obrigação de realizar todos os seus desejos de consumo. Dessa forma, nenhuma quantidade de aquisição e sensações emocionantes tem possibilidade de trazer a satisfação esperada, pois não há um padrão de consumo a ser mantido na medida em que o padrão desejado, a linha de chegada, avança junto com o corredor, e as metas permanecem continuamente distantes. São inseguranças, frustrações e medos dessa corrida sem vencedores finais que constituem esses demônios interiores da cultura de consumo.

Só que na mentalidade de fortaleza sitiada (tornada visível em condomínios fechados, bairros exclusivos, tentativa de construir muros em volta das favelas, etc.), os demônios interiores são projetados para fora na figura dos inimigos que o ameaça. Nessa lógica, “os ‘excluídos do jogo’ (os *consumidores falhos*) são exatamente a encarnação dos ‘demônios interiores’ peculiares à vida do consumidor.” “Cada vez mais, *ser pobre* é encarado como um crime; *empobrecer*, como produto de predisposições ou intenções criminosas – abusos de álcool, jogos de

azar, drogas, vadiagem e vagabundagem. Os pobres, longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condenação – como a própria encarnação do “pecado.”⁶

4. Escolhidos por Deus e abençoados pelo mercado

O neoliberalismo diz que metas sociais visando diminuir ou acabar com os problemas sociais sempre acabam por interferir na liberdade de mercado e geram mais problemas do que soluções. Por outro lado, a cultura de consumo dominante hoje apresenta os pobres/excluídos como os inimigos da “boa sociedade”, sociedade essa que teria sido obrigada a se fechar em fortaleza, refém dos inimigos-pobres. Os excluídos são vistos como inimigos da “boa sociedade” e como pecadores, inimigos de Deus. Portanto, eles seriam merecedores dos seus sofrimentos e não merecedores de políticas sociais que serão custeadas pelas classes média e rica, diminuindo assim a capacidade de consumo dos integrados no mercado.

Numa sociedade assim, marcada pelo neoliberalismo e cultura de consumo, a esperança da maioria em uma vida melhor reside no aumento da quantidade e do padrão de consumo. Essa esperança é compartilhada por ricos e pobres. Mesmo uma pessoa rica não se sente gente porque é gente, mas sim por causa da sua capacidade de consumo. Nesse sentido, não se vê como uma pessoa *que* consome muito, mas se vê como uma pessoa *porque* consome muito. A cultura de consumo é uma armadilha onde estão presos ricos e pobres. Ricos e os não tão ricos se sentindo gente porque consomem

⁵ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 52.

⁶ Ibidem. p. 57 e 59.

determinados bens, e os pobres se sentem e/ou são considerados não-pessoas porque não consomem esses bens. Assim, o desejo dos pobres de se sentirem e serem tratados como pessoas passa pela esperança de consumir mais, mesmo que seja por vias ilegais (como tráfico de drogas ou roubos).

Isto é tão marcante que entrou profundamente também no campo religioso. Um dos setores religiosos que mais cresce hoje é aquele que associa a adesão religiosa, a conversão, ao aumento da capacidade de consumo. Isto é, a experiência de ser acolhido ou escolhido por Deus é vivenciada através da melhora na capacidade de consumo. As bênçãos divinas são traduzidas e “comprovadas” pelo aumento da prosperidade econômica.

Mesmo muitos dos que não associam diretamente a bênção divina com o aumento de consumo são estimulados a consumirem materiais religiosos como sinais de adesão e pertença a um determinado grupo religioso. Muitos livros e objetos religiosos são consumidos não pela sua “utilidade”, mas pela sua capacidade de comunicar ao próprio comprador e aos outros o sentimento de pertença ao seu grupo religioso. Sentimento de pertença esse que é fundamental na formulação da identidade.

Por trás dessa tendência está a lógica que identifica a quantidade com a qualidade de vida; o sucesso quantitativo com o cumprimento da “missão”. Na cultura de consumo, a quantidade de consumo ou o valor econômico quantitativo da mercadoria é sinônimo da qualidade da vida e da dignidade da pessoa. E em muitos grupos religiosos, a quantidade de membros da comunidade ou a quantidade de produtos comerciais com apelo ou rótulo religioso vendidos tornaram-se o sinônimo da qua-

lidade espiritual da comunidade e do cumprimento da missão.

O ponto comum a todas essas tendências é o fato de que o sofrimento dos pobres e das vítimas das relações de opressão não está na agenda da prioridade das suas comunidades ou das práticas sociais e políticas. Quem sonha obsessivamente com o consumo desvia o seu olhar do olhar do pobre/vítima que o interpela para não perder de vista o bem de consumo desejado. Quem espera a manifestação do poder e glória de Deus no mundo, a manifestação da sua glória para calar a voz dos que não crêem no seu poder, também não perde tempo e energia com os sofrimentos dos “pecadores”. E, assim, abençoam, mesmo que inconscientemente, o cinismo da sociedade e a cultura de consumo.

5. A libertação humana e a esperança escandalosa

Quem é indiferente aos sofrimentos das pessoas simples e marginalizadas, das pessoas que não fazem parte do seu “mundinho”, não conhece a verdade de uma vida humana gratificante. E por não compreender que só podemos experimentar verdadeiramente a nossa humanidade quando nos abrimos ao outro, não conhece o verdadeiro amor. E quem não conhece esse amor livre e gratuito não conhece Deus-Amor, e não pode compreender a esperanças daqueles que confessam, contra toda a esperança, de que Jesus, o galileu sem-poder e aparentemente abandonado por Deus, ressuscitou.

Quem se indigna com essa situação, quem se sente tocado profundamente pelo sofrimento do outro, pode experimentar paradoxalmente a esperança e o desespero,

um sentimento de desespero e impotência diante de tanto sofrimento inocente e tanto cinismo dos que dominam o mundo. A dor do outro que nos toca, a compaixão, nos leva a desejarmos mudanças urgentes e radicais no mundo e nas nossas Igrejas. Só que o mundo e as Igrejas não se transformam de acordo com os nossos desejos e com a urgência necessária para salvar vidas humanas. Daí o desespero e sentimento de impotência que alimenta ainda mais o sentimento de desespero.

Muitas vezes esse desespero é extravasado por meio de críticas radicais e veementes à sociedade e à Igreja. Esse grito nos alivia do mal-estar do desespero; e ao mesmo tempo nos dá a falsa sensação de que não estamos imobilizados por esse desespero. Entretanto, se olharmos com cuidado, muitas dessas críticas radicais que exigem uma solução imediata e completa para problemas complexos – o impossível – são críticas que nos levam à paralisia. Ao exigirmos de nós mesmos e de outros a realização imediata e plena do que é muito desejável, mas não possível nas condições e no tempo dados, nós não conseguimos realizar o que é possível.⁷ Aumentando em nós o sentimento de impotência e o desejo de clamarmos pela intervenção mágico-poderosa de Deus no mundo ou de um grupo social mítico. O sentimento de impotência nos leva a desejarmos ser onipotentes ou a clamarmos por um deus ou um ser mítico onipotente na nossa vida.

Esses sentimentos de desespero e impotência, que quase todos nós sentimos em

algum momento das nossas vidas e que frequentemente voltam, têm a ver com a intensidade do nosso desejo de vermos o mundo e a Igreja transformados. Só que revelam também a nossa dificuldade em aceitarmos a ambigüidade insuperável da nossa condição humana, das nossas Igrejas, da sociedade e da própria história humana. E essas críticas aparentemente radicais, são na verdade pseudoproféticas, e essas esperanças baseadas em soluções mágicas dadas por um Deus-poder que estaria ao lado dos pobres são esperanças ilusórias, como a dos discípulos de Emaús.

A aceitação da ambigüidade humana não significa abandonarmos o nosso desejo de um mundo melhor, muito menos abandonar as nossas lutas por construir relações humanas, grupos sociais, Igreja e sociedade que sejam mais humanas e justas. Significa somente levar a sério a nossa humanidade. A nossa esperança e o nosso testemunho não podem ser fundadas na fé em Deus-poder ou na divinização de alguma pessoa, grupo social ou instituição. A fé cristã nos apresenta um caminho inverso: ao invés da divinização de um ser humano muito poderoso ou de alguma instituição social (como mercado) ou religiosa – proposta sedutora de muitas religiões e ideologias sociais –, o Evangelho de Jesus nos propõe um Deus que se esvazia do seu poder divino para entrar na história como escravo, e como escravo se assemelhar ao humano (Fl 2,6-7).

Ainda hoje soa escandaloso pedir a alguém que coloque a sua esperança em um

⁷ Sobre novos desafios que surgem quando saímos do âmbito da denúncia para o da administração e operacionalização, quando somos obrigados a enfrentar a escassez dos meios em relação aos objetivos, vide por ex., SUNG, Jung Mo. "Teologia da Libertação entre o desejo de abundância e a realidade da escassez", em: *Perspectiva Teológica*, no. 97, set-dez/2003, pp. 341-368.

Deus que se esvaziou do seu poder divino. Mas é essa fé e essa esperança que nascem da experiência de ver o Jesus ressuscitado. O evangelho de Marcos nos diz que a grande preocupação das mulheres no caminho do túmulo de Jesus era “quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?” (Mc 16,3). Elas não tinham nenhuma esperança ou expectativa da ressurreição de Jesus. Foram lá somente por amor ao seu mestre, amor que não liga para a “contabilidade” das vitórias e fracassos e que não se deixa paralisar pela frustração dos desejos. Porque as mulheres amaram muito e perseveraram nesse amor apesar de tudo, elas viram Jesus ressuscitado e uma nova esperança nasceu na comunidade cristã.

Deus se revela no esvaziamento do poder para mostrar que o poder e o sucesso não são sinônimos da justiça e da santidade. Uma pessoa ou uma Igreja que se consideram justas e santas *porque* são ricas e/ou poderosas ou têm muito “ibope” não conhecem a verdade sobre Deus e sobre ser humano. Não é a riqueza que lhes dá dignidade e justifica a sua existência; a nossa existência está justificada e nós somos dignos antes da riqueza, poder ou sucesso, pois nós somos justificados pela graça de Deus, esse Deus que se esvaziou do poder porque ama gratuitamente a toda humanidade e a toda criação.

Essa fé e esperança podem ser experienciadas quando perseveramos na nossa opção pelos pobres e por uma Igreja mais servidora do Povo de Deus mesmo quando a contabilidade da nossa luta e a frustração pessoal nos diz que não há mais porque esperar. É quan-

do perseveramos somente porque amamos que podemos testemunhar essa esperança escandalosa que é a esperança cristã que nasce da morte na cruz de um Deus encarnado.

Jesus não somente se encarnou como ser humano, mas, ele que poderia ter se encarnado como imperador ou um grande sábio, se encarnou como escravo/pobre, – que não era considerado como pessoa, semelhante aos pobres não-consumidores de hoje –, um escravo que não renunciou a ser um ser humano.⁸ Ele assumiu completamente a condição humana, não somente porque despojado da condição divina morreu, mas porque não se deixou levar pela ideologia imperial que nega a humanidade do escravo, desobedeceu às leis humanas e a cultura do seu tempo, para se afirmar como humano e levar essa revelação e esse direito a todos homens e mulheres que têm ainda hoje a sua dignidade humana negada.

Ser testemunhas da ressurreição de Jesus no nosso mundo marcado pelo capitalismo neoliberal e pela cultura de consumo significa anunciar esse Deus que se revela no amor gratuito entre pessoas que se reconhecem como humanos sem exigir do outro nenhum padrão de consumo ou nenhuma adesão a determinadas religiões ou ideologias. Esse anúncio não pode ser reduzido a um discurso, pois nenhum discurso por si será capaz de anunciar essa novidade. A compreensão e o conhecimento existencial dessa novidade só é possível em um longo caminho pedagógico-espiritual. Um caminho que se faz (a) nas lutas pela defesa da dignidade humana e de con-

⁸ Cf. Néstor Miguez: “La libertad de ser humano. Lectura de Filipenses 2:6-11 como canto liberador”. En: Guillermo Hansen (ed.), *Los caminos inexhaustibles de la Palabra. Homenaje a J. S. Croatto en su 70 aniversario*, (Buenos Aires, Lumen-ISEDET, 2000), pp. 413-437.

dições sociais que permitam uma vida digna para todas as pessoas; (b) nas celebrações litúrgicas e festivas que expressam simbolicamente a fé em um Deus que está além das nossas categorias culturais e nos permitem sentir no mais profundo do nosso ser o mistério da vida que renasce das derrotas e mortes; (c) nas orações, retiros e meditações silenciosas que nos ajudam a ver para além dos nossos desejos imediatos a verdade do ser humano e o caminho que Deus nos propõe. E nos ajudam a amadurecer a nossa fé e a perseverar nessa esperança que vai contra todas as esperanças do mundo dominante; (d) nos estudos que nos ajudam a compreender o modo como o sistema dominante nos seduz, os seus limites, os seus pontos fracos e onde estão as possibilidades e sinais da emergência do novo, e a dar a razão da nossa esperança.

Eu penso que não importa tanto qual é o carisma específico ou o trabalho específico de uma comunidade religiosa. Trabalhando na educação formal ou popular/informal, nos hospitais ou nos projetos de saúde popular, nas lutas e comunidades populares ou na burocracia da congregação religiosa ou da Igreja (que apesar de chata é necessária em todas as instituições), ou em tantos outros campos, a missão da Igreja e da vida

religiosa é ajudar as pessoas a experimentar que, como disse Juan Luiz Segundo, "a revelação divina não é um depósito de informações corretas, mas sim um processo pedagógico *verdadeiro*."⁹ Um processo onde ser humano não aprende coisas, mas aprende a aprender a ser humano.

Em um mundo onde se prega e ensina a não ser humano, onde se ensina que a humanização se encontra nas mercadorias e por isso se nega a humanidade de todas as pessoas, em especial dos pobres, a libertação não é algo que se vive somente em um ponto de chegada. Nesse caminhar em busca da recuperação da dignidade humana de todas as pessoas e na luta pela construção de relações sociais e econômicas que permitam uma vida digna para toda a humanidade e todos os seres vivos, significa testemunhar a esperança que nasce da morte e ressurreição de Jesus.

Jung Mo Sung. Pós-doutorado em Educação e doutor em Ciências da Religião. É professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMEP e da PUC-SP. Atualmente tem dedicado ao estudo sobre a relação entre religião-educação-economia. É autor de diversos livros, entre eles, *Competência e sensibilidade solidária: educar para esperança*, 3ª. ed., (em co-autoria com Hugo Assmann) e *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*, pela Editora Vozes.
e-mail: jungmosung@uol.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Como entender adequadamente o sentido mais profundo da esperança cristã na sociedade neoliberal de hoje?
- 2- Quais são, no seu entender, os principais obstáculos que o sistema neoliberal coloca para que a Vida Religiosa seja de fato testemunho de esperança no meio do mundo?
- 3- Que pode ser feito na sua comunidade e/ou província para superar esses obstáculos?

⁹ SEGUNDO, Juan Luis, *El dogma que libera: fe, revelación y magisterio dogmático*, Santander, Sal Terrae, 1989, p. 373.

Pedras e horizontes para uma mística missionária militante

Apontamentos de um retiro no Cimi

PAULO SUESS

De tudo ficaram três certezas:
estamos sempre começando,
a luta e o luto continuam,
podemos ser interrompidos antes do tempo.

Façamos das pedras um caminho
e das perdas um encontro,
da dor uma oportunidade,
do medo uma espada,
do sonho – ponte e horizonte.

No retrovisor da “mística missionária militante”, o caminho percorrido pelo Cimi e por outras pastorais populares está cheio de pedras e flores. As flores oferecemos aos povos indígenas, as pedras precisam dos nossos cuidados. Ao escutar os companheiros e as companheiras, vejo três pedras no caminho: a pedra da **orfandade**, do **desencantamento** e do **aburguesamento**. A meditação das pedras desperta nossa consciência crítica e auto-crítica e nos remete às inspirações primeiras da caminhada, à **missão**, à **militância** e à **mística** que são os pilares que sustentam o teto da memória, do projeto e da esperança.

1. As pedras

As pedras no meio do caminho são alertas que têm muitos nomes. Podemos chamá-las de crise, estresse, questionamento, erros, acomodação. Falarei das pedras da orfandade, do desencantamento e do aburguesamento. Cada uma delas se cristalizou a partir de um longo processo em cujo origem está uma perda. A pedra da **orfandade** aponta para a perda do ninho político. A pedra do **desencantamento** aponta para o desgaste unila-

teral entre os pólos que constituem a vida em sua dimensão holística (corporal, espiritual, emocional, intelectual; social, individual, coletivo; trabalho, lazer); aponta também para a perda de equilíbrio na micropolítica do afeto. A pedra do **aburguesamento** representa o desejo difuso de participar das apropriações privilegiadas da elite. Os objetos do desejo, com sua insatisfação permanente, são como cachorros que latem contra a utopia de um mundo para todos.

1.1. A orfandade

Os que lutam em movimentos sociais sofreram uma decepção profunda ao perceber que “seu” partido que se dizia ser um partido para todos, abandonou a militância e se debruçou com carinho sobre o projeto da elite até então combatida. O que seria a primeira mesada – um *round* tático – tornou-se mesa única. Para os peões ficou a promessa de “fome zero”.

A militância nos uniu ontem ainda com os governantes de hoje. Estávamos juntos nos protestos da rua, na marcha para Brasília, nas manifestações de Porto Seguro, nas ocupações do latifúndio, nas campanhas contra o ALCA. Parte significativa dos movimentos, hoje, está no governo e, na hora H, desliga o celular. Muitos ex-companheiros e ex-companheiras perderam, com a “sabedoria” de governar, a coragem de agir. Olham para nós com um olhar que expressa o saber superior forjado pela ânsia do poder e reflete a pena com os abandonados no campo de batalha.

Apesar de suas brigas, às vezes nada fráguas, até ontem defendemos o partido a torto e direito, como se defendêssemos pai e mãe, irmãos e irmãs, fundadores de uma família que considerávamos nossa. E agora, José? Perdemos companheiros e companheiras de luta, não só no campo de batalha, mas, sobretudo, na administração e na burocracia das repartições do novo governo. Não são traidores vis; apenas confirmam a experiência de que todo mundo pensa com a cadeira onde está sentado. Cuidado com as cadeiras!

E nós do Cimi, como tantos outros movimentos populares, ficamos com a sensação de abandono; com a dor da orfandade que se junta a uma dúvida que não se cala:

Será que não aprendemos bem a lição da história?

Mas, a orfandade também tem seu lado positivo. Aponta para a necessidade de crescer, de criar relações adultas com os governantes e romper laços de parentesco com eles. Não são, nem devem ser tios, nem comadres. Podemos repensar a diferença entre favor e direito, rearticular outros espaços e novas alianças; priorizar a formação de lideranças indígenas e líderes populares.

1.2. O desencantamento

O grande peso que a “luta” e o “projeto” têm na vida de agentes pastorais e líderes populares, causa, muitas vezes, um desgaste unilateral entre os pólos que constituem uma vida em sua inteireza. A vida dos militantes é semelhante a um pneu de carro mal calibrado ou não alinhado. Enquanto o carro roda, adia-se a revisão na oficina. É fácil prever o desandamento do carro na próxima curva.

Os pólos que constituem a vida inteira – razão e emoção, espiritual e material, trabalho e lazer, luta e contemplação, privado e público, individual e coletivo – criam tensão, mas geram também luz. O preço da luz é a tensão entre os pólos. Se cair a tensão pelo desgaste unilateral de um dos pólos, cai também o tesão. Sem luz e tesão se instala o descontrole da agenda e a perda da noção de tempo, a hipersensibilidade e o narcisismo. Tédio, desencantamento e estresse tomam conta da vida.

O desencantamento pode se instalar nas relações de casa e no campo profissional. A luta tem seu preço. Antes de cuidar dos outros, às vezes, é preciso aprender cuidar de si mesmo. Cuidar de nós pode significar

recontextualizar-nos. Quando falamos dos nossos ideais e citamos antigas palavras de ordem, como "Para nós nada, para o povo tudo" (Chê), a turma dos mais novos nos chama de "idealistas" que é uma forma gentil de dizer que nos consideram "dinossauros políticos"; intervêm na conversa, aparentemente, brincando: "Menos, por favor, menos!"

O desencantamento que uns entendem como novo realismo e outros como traição política, se insere num desencantamento da própria civilização ocidental que, a partir do século 17, fez do conceito de racionalidade o pivô do pensamento ocidental, subordinando os meios aos fins. A equação custo-benefício que paira no ar como uma inspiração divina, inaugurou o mundo pós-utópico. Nessa equação, a vida "inútil" e "não produtivo" dos velhos e dos que sofrem doenças sem cura, perdeu seu valor. O ser humano em relação, como imagem do Deus trinitário que garante a igualdade que permite que todos estejam em relação, uns com os outros, tomou-se metáfora obsoleta.

O processo de racionalização produziu o desencantamento do mundo. Expulsou o mistério pela razão, a gratuidade pelo cálculo, a alma pelo espírito, a providência divina pela causalidade natural e o mito pela história. O mundo desencantado é o mundo ocidental. Faz parte do mundo moderno. Não é o mundo moderno.

O cristianismo, com sua ética de trabalho e de ascese, sobretudo em sua vertente protestante, descrita por Max Weber, contribuiu para a racionalização do mundo ocidental. Desta fonte todos os movimentos sociais beberam. A ética de trabalho e de ascese está na origem da acumulação. Para ser ético, a pessoa acumula, necessariamente, porque ela é

obrigada a controlar, asceticamente, a comida e a bebida, o tempo e o espaço, a fala e a sexualidade, o ócio e o negócio. "Reze e trabalhe" ensinava a regra de São Bento e no campo de concentração de Auschwitz estava escrito: "Trabalho liberta".

Essa ética de trabalho e de austeridade era consensual entre os companheiros e companheiras de luta. Sempre souberam que, na defesa da "causa", o coletivo está acima do privado e o trabalho acima do prazer, afinal, tempo vale ouro.

Pressionados pela urgência da luta, muitas vezes, os movimentos imitaram os atalhos do autoritarismo dos adversários, a burocracia dos aparatos e a racionalidade do progresso que combateram. Na exaustão do trabalho, perdeu-se a noção de tempo. Era impossível cumprir a agenda e a macroagenda obedecia a outras ordens e a outra coreografia.

Com a percepção de que o projeto já não é mais para hoje, e que sua realização já não depende de nós, instalou-se a dúvida se valeu a pena subordinar a micropolítica do afeto, do lazer e do prazer à macropolítica da "causa" e do "projeto". "Desencantados" vulneráveis, às vezes, até cegos, somos capazes de confundir o reencantamento da vida com o abandono do caminho; somos capazes de confundir a caminhada com um círculo vicioso: *the show must go on*. Às vezes, nós nos sentimos "livres" para trocar "parceiros", em vez de mudar atitudes, e "pressionados" para trocar projetos, em vez de clarear horizontes.

1.3. O aburguesamento

O aburguesamento da antiga "classe operária" e de movimentos que se transformaram em ONGs é uma vitória do pensa-

mento hegemônico e do mercado total. O mundo dominado pelo capitalismo de cunho neoliberal investe a maior parte de sua criatividade em propaganda, *design* e *marketing*. Tudo vale para transformar o próximo em cliente e as relações humanas em relações de mercado. O mercado disfarça o preço, destaca o prazer imediato e apela à libido. O latifúndio dos meios de comunicação produziu uma nova colonização. E nós, junto com lideranças indígenas e populares, não somos isentos e autônomos frente aos aliciamentos do capitalismo. Somos atravessados pelos desejos de poder, lucro e prazer que combatemos. Não só estamos no mundo, somos também filhas e filhos deste mundo.

O prazer que ontem expulsamos com um radicalismo unilateral e o afeto que subordinamos à agenda da luta, se vingam como “demônios expulsos” que voltam com mais força. Algo dentro de nós está gritando por uma fatia de realização dos desejos e da utopia, já. Somos contemporâneos não só do socialismo, mas também do neoliberalismo. Assistimos a acomodação de antigos e novos companheiros e companheiras ao espírito do tempo. E este tempo é diferente daquela época quando fomos iniciados na militância por um mundo radicalmente novo. Experimentamos entre nós que não somos imunes contra o vírus das parcerias na esquina do mal menor. Parece que venceu a data da nossa vacina contra a utopia consumista e seu desdobramento num aburguesamento *light* que alguns chamam de pós-moderno. Não somos traidores frios, mas, tendencialmente, adaptadores mornos. Frente ao horizonte utópico e regulativo, algo dentro de nós reivindica participação da utopia consumista.

A “utopia consumista” abre mão de um mundo para todos. Imagine, todo mundo tendo seu carro e computador, seu trabalho e plano de saúde, seus filhos estudando em Cambridge ou Oxford; todo mundo escolhendo a sua broa de milho na boutique de pão entre 60 pães diferentes, tendo seu apartamento na cidade e seu sítio na praia. Os bens da classe média-alta socializados com todos, quebrariam o ecossistema planetário. Quem pensa um mundo para todos precisa lutar contra os privilégios das elites. “Utopia já” não pode significar aburguesamento *light* da militância. Significa sair do maniqueísmo e viver a vida em sua integridade, na luta e na contemplação; viver a afetividade irmanada com a racionalidade da luta, a presença do espírito na beleza do corpo, e a eficácia na locura da gratuidade.

2. O horizonte

Dedicamos nossa vida ao “projeto” e à “causa” dos povos indígenas e dos movimentos populares. A partir da nossa opção de fé, “causa” e “projeto” fazem parte do projeto maior do Reino de Deus, anunciado por Jesus de Nazaré. Este projeto tem um horizonte histórico e um horizonte escatológico, isso significa, o Reino se realiza na história, onde está no meio de nós. Mas, todas as realizações de projetos históricos ficam sempre aquém do Reino que, em sua plenitude, se realizará no fim dos tempos. O projeto maior do Reino está presente na vida cotidiana através da nossa metodologia, das pequenas vitórias nas lutas diárias e da esperança que dá sentido a nossa vida. Podemos fazer passos em falso, mas não concordamos, em nenhum momento, com o absurdo de um mundo para poucos.

- A “mística missionária militante” é o pano de fundo da nossa vida que aponta para três atitudes que são sinais do Reino:
- viver a cada dia e em cada lugar o horizonte “além-fronteiras” institucional, cultural e geográfico da missão,
 - viver os conflitos da causa numa militância profética que assume os conflitos como oportunidades de transformação,
 - viver o pano de fundo da nossa mística pascal em relações de presença, partilha e gratuidade.

2.1. A missão

De empresas e instituições, minimamente organizadas, se espera hoje que tenham a sua missão, seus objetivos e suas prioridades, bem definidos. Nossa missão é uma missão de *justiça* e *esperança* que visa à transformação das macro-estruturas e à transformação do coração de cada um. A fé inspira sempre novas razões de esperança e novas possibilidades de libertação. Contra as mensagens insistentes dos meios de comunicação e seus sinais sedutores a serviço do mercado, a missão produz sinais de justiça e cria imagens de esperança. No mundo, onde os privilegiados perderam o sentido da vida e os pobres a força de resistência, o anúncio missionário elemental é a esperança.

Missão significa *memória* de um passado colonial ainda próximo e *projeto* de libertação em curso. Memória e projeto são constitutivos para a caminhada missionária. A memória rompe com a repetição obsessiva e traumática do passado. O projeto é a visão de uma outra sociedade que se inspira na concepção real e utópica das sociedades indígenas. Nelas prevalece a construção da

pessoa sobre a produção de bens, o ócio sobre o negócio, a participação sobre a competição, a partilha sobre a acumulação, a liberdade sobre o “vigiar e punir”. Nesta outra sociedade em construção onde todos serão livres e neste outro mundo possível onde todos serão iguais, produzir para acumular individualmente não faz sentido.

No passado, missionários e missionárias foram acusados de que a universalidade da missão seria expressão de sua vontade de dominar o mundo. O discurso missionário era hegemônico e excludente. Mas, a universalidade da missão pode ser compreendida como alternativa à globalização. Os meios de comunicação forjaram uma humanidade conectada pela palavra, pela imagem e pelos negócios e, ao mesmo tempo, separada por um fosso social entre ganhadores e perdedores. Nossa missão tem uma dimensão universal, porque não exclui ninguém. Se a missão fosse geográfica, cultural, étnica ou socialmente limitada, se ela se dirigisse apenas a uma pequena clientela de “eleitos”, seria excludente como a globalização neoliberal.

Por causa da nossa fé, a nossa missão junto ao próximo e ao outro é universal e contextual. Não nos contentamos com uma libertação provincial ou uma salvação privilegiada para alguns. Os cristãos não têm o estatuto de uma “classe redentora” ou de um “povo eleito” para si. A salvação, como ensinou Jesus, se realiza através do Outro que caiu nas mãos do ladrão. A mediação da libertação/salvação acontece através das *vítimas* do sistema, não através dos *puros* nas Igrejas. Sem articulação com o outro-vítima tampouco há salvação. O ladrão da parábola do Bom Samaritano age, hoje, mundialmente. Ele está globalizado e arti-

culado pelas parcerias até os confins do mundo. As vítimas são encontradas não só no centro, mas sobretudo na periferia do mundo. Por causa da vítimas, a nossa missão é “sem fronteiras” e “exogâmica”. Ela vai sempre além das fronteiras familiares, institucionais e geográficas. Nossa missão rompe com o corporativismo institucional que visa poder, privilégios e prestígio. Ela é universalmente contextualizada. Não defendemos, como na época colonial, a liberdade e a libertação dos povos indígenas às custas de escravos negros.

A missão, em sua contextualidade universal, pode ser pensada, assim, como alternativa à colonização cultural e à exclusão social. A alternativa se baseia, primeiro, no princípio fundamental do Evangelho: a prática do amor maior e o anúncio do Reino como “libertação do cativo da corrupção” (cf. *Lumen gentium*, 9); segundo, na compreensão da unidade global como articulação de múltiplos projetos de vida com horizontes diferentes, porém, não eliminatórios, uns frente aos outros; terceiro, na articulação da vida local e do projeto específico com a responsabilidade universal pelo conjunto da humanidade e do planeta terra.

Missão é organização e articulação contra a violência da fome, contra a fatalidade da exclusão e contra a banalidade do sonho consumista. Mas, ao propor a organização da esperança não entraríamos de novo num beco sem saída, no beco sistêmico, na força partidária, na domesticação eclesial, na contramão do Reino? Para a organização da esperança não vale a normatividade de uma suposta “qualidade total”, que é concorrencial e eliminatória, mas a excelência do pobre, a lógica do Evangelho e as regras da fraternidade. Nas es-

truturas piramidais, o pobre é mero receptor de mensagens e o Outro é destinatário de comunicados.

A missão configura nosso “estar em movimento”, organizadamente; a urgência dos nossos passos e a universalidade da nossa caminhada. Por causa desta universalidade, não somos partido, somos movimento, construtores da vida inteira. Caminhar é a forma mais radical da partilha. A caminhada é como um filtro que nos protege contra as infiltrações sutis do aburguesamento e da burocratização. O Êxodo – a saída emancipatória sem retorno à terra escravizada – e o Exílio nos obrigam, através da experiência do estranho e do contraditório na terra estranha, a redefinir o próprio, a desconstruir e reconstruir, permanentemente, nossa identidade. Ao sair do nosso lugar, mudamos o olhar ao mundo e a perspectiva de vida. A missão nos transforma diariamente. Somos eternos “mutantes”, herdeiros de bandeirantes e indígenas. Afinal, quem somos?

2.2. Militância

Nossa mística é militante porque a causa indígena nos coloca no centro de uma cadeia de grandes conflitos: a redistribuição dos bens acumulados e o reconhecimento dos outros e das outras em sua alteridade. Mística é vivência e contemplação da resistência da vida contra a morte. Nessa resistência se forja o horizonte do sentido. A vida tem sentido, apesar das contingências, das mortes e do desespero de muitos.

No mundo globalizado todos os conflitos têm uma dimensão que ultrapassa a região e o país. Os conflitos em torno da terra/território dos povos indígenas nos colocam em conflitos com o latifúndio

como sinônimo de privilégio e desigualdade. Os beneficiados pelas desigualdades – os latifúndios da terra, do capital, dos meios de comunicação – estão mundialmente articulados em parcerias lucrativas.

A indignação contra este quadro de acumulação e exclusão pode tornar-se o ponto de partida para a missão profética de justiça e esperança. A indignação preserva a missão da submissão. Não somos remendos novos em odres velhos, mas areia na máquina do opressor. A esperança dos pobres e dos povos indígenas está na ruptura com o sistema de exploração e alienação que é expressão de pecado, morte e mentira.

A experiência pascal que simboliza essa ruptura, ilumina a caminhada dos peregrinos que chegam dos vales de resistência. Experiência pascal significa contestação da morte do justo, porque Deus rasgou a sentença do injustiçado. Justiça é sempre justiça da ressurreição; ressurreição das vítimas do sistema de acumulação e exclusão. Ao anunciar o Reino, a presença missionária produz sinais de justiça e imagens de esperança. Neste anúncio está seu núcleo anti-sistêmico. Sinais de justiça e imagens de esperança produzem rupturas significativas para que o mundo seja habitável para todos. Através da missão militante, replantamos os sonhos dos povos indígenas e dos pobres nas rachaduras do sistema. A experiência pascal não suspende o sofrimento dos crucificados. As eternas perguntas de Jó sobre o sofrimento do inocente permanecem sem resposta. Mas, a Palavra de Deus desestabiliza as estruturas institucionais e mentais. A iluminação pascal da caminhada muda a visão dos peregrinos, desmonta a leitura ideológica e heróica da história. Mudando a visão,

desestrutura lógicas convencionais e transforma a realidade. Afinal, quem é Deus?

A indignação profética contra o sofrimento dos pobres e as “estruturas de pecado”, não é algo frustrante. Está marcada pela alegria de poder participar da construção do mundo novo. A colaboração na organização da esperança dos povos indígenas, arancando do latifúndio pedaço por pedaço dos seus territórios indevidamente apropriados, dá sentido à nossa vida e razão à nossa esperança. Participar da luta significa participar da festa que é a socialização da “divina abundância” e uma das condições de igualdade social. A festa dos povos indígenas não significa “inserção no mercado”, como muitas festas religiosas cristãs, onde o lucro se sobrepõe à gratuidade. As lutas e as festas dos povos indígenas são instâncias críticas frente à sociedade de consumo privilegiado e de acumulação.

A partilha da experiência, do pão e do caminho, da história e do horizonte entre peregrinos que chegam dos vales da morte, aponta para novas possibilidades e alternativas de viver. Enfim, a vida venceu, mas se foram a inocência ingênua e o ufanismo; se foram a leitura ideológica, heróica ou até depressiva da caminhada. Deixemos o pessimismo para tempos melhores!

2.3. *Mística*

A palavra “mística” tem múltiplas conotações. Pode significar espiritualidade, reza, esoterismo, experiência de Deus e prática religiosa. Os companheiros do MST, por exemplo, no contexto de uma ocupação de terra, fazem uma “mística”, um culto ecumênico cujos símbolos e palavras antecipam o êxito desejado do evento. Também os povos indígenas, quando preparam

uma luta importante, pintam seus corpos, fazem danças e invocam seus espíritos para favorecer o empreendimento. A mística dos oprimidos, geralmente, é uma vivência comunitária de coragem, o fortalecimento de uma responsabilidade em rede, uma prática religiosa que lembra uma vitória do passado e antecipa uma transformação que permite o infinito se fazer presente na concretude da vida, nos trabalhos corriqueiros e nas lutas pela causa. Nossa mística não é uma mística de olhos fechados, mas um caminho espiritual para crescer e transformar-se na vida cotidiana. As pessoas deste caminho são companheiros e companheiras nossos com os quais não só repartimos o pão, mas abrimos mão de tudo. Tudo que queremos segurar, pode se tornar veneno. Deus ama as mãos vazias. Abrir mão de conquistas e certezas de ontem, pode ser um portal para a vida de hoje. *Transformar* significa sempre *abrir mão* de algo. E a vida se dá somente na transformação e na passagem.

A mística missionária militante é a mística do Reino, vigília pascal, essência da Vida na existência histórica, atravessada por desejos humanos; presença do espírito na ação e no caminho. Nossa mística está enraizada na fé. Acreditamos no projeto de Jesus e na presença de Deus na realidade do mundo em construção. Ao revelar o incógnito de Deus no mundo, como os hóspedes na tenda de Abraão (Gn 18) e o forasteiro de Emaús (Lc 24,13ss), os povos indígenas e os pobres são sinais de Deus no tempo. Questionam a vida sedentária e as simulações de agitação, avisando que o conforto da "gaiola dourada" e o tratamento do tempo como se fosse dinheiro, não compensam o sofrimento que causam.

A mística nos permite viver a memória e a utopia de um mundo para todos, livres e iguais, iguais em direitos e deveres, mas com caminhadas históricas diferentes. Na caminhada se cruzam muitos caminhos. Não existe a hegemonia do caminho único ou da leitura definitiva da realidade. Ninguém tem a última palavra. Novas misturas, pontos de vista diferentes e enfoques inusitados lembram a possibilidade de outros caminhos. A verdade do caminho é uma opção histórica, não uma necessidade.

A utopia do Reino está presente em atitudes e relações, não em sistemas, instituições ou partidos. Tomamos partido, mas não somos partido. Fizemos a opção pelos povos indígenas e definimos prioridades, mas não somos um partido indigenista. Por sua própria natureza, os partidos criam divisão e produzem uma acomodação burocrática. No caminho do Reino, os partidos têm, como as próprias Igrejas, um caráter transitório. A aproximação da utopia, como nova criação, está vinculada a uma diminuição institucional.

A globalização, com sua visibilidade e rapidez, simulando baixo custo e prazer imediato no interior de estruturas concorrenciais, colocou a mística da missão em desvantagem. A mística tem pouca visibilidade, porque não cabe na mídia. As tentativas miméticas de algumas Igrejas, recorrendo ao *showbusiness* da fé, são espiritualmente superficiais, teologicamente sectárias e fundamentalistas, e eticamente vazias. Legitimam a violência em curso, porque escondem a cruz de Cristo e os rostos dos crucificados. Procuram reencantar a vida com deuses e diabos, infantilizando os fiéis. Nisso são complementares, de uma maneira grosseira, à atual estetização da

violência, da pobreza e da sexualidade nos cinemas. Certas cenas do filme "A paixão de Cristo", de Mel Gibson, lembram pinturas de Matthias Gruenewald (1470-1528) num salão de tortura.

O mercado financeiro não pode ser vencido pelo mercado religioso, mas pela gratuidade da cruz. Entre vencedores e vencidos, seja no mercado ou no campo de futebol, existe uma relação mimética. A atitude mimética é tendencialmente violenta, porque exige um sacrifício recíproco para manter a diferença (para ser melhor que o outro) ou faz da própria eliminação da diferença o sacrifício mediante a identificação, a incorporação, a imitação ou eliminação do outro. Nós cristãos, peregrinos das Américas e do mundo, contemplamos nos crucificados da história

nosso irmão e mestre, fundador crucificado e ressuscitado. Num ato de justiça definitiva, Deus rompeu com os sacrifícios humanos. Jesus de Nazaré, morto na cruz, liberta da necessidade de outros sacrifícios redentores. Redenção e libertação não estão mais sob a pressão da magia ou do rito sacrificial. Não precisamos fazer, nem pagar promessas. Precisamos converter-nos. E conversão significa, neste contexto, romper o círculo vicioso sacrificial e reassumir nosso compromisso com os povos indígenas, seguindo (não imitando!) Jesus, o Irmão-Mestre, no meio deles, na lógica e na loucura da gratuidade que é a condição de um mundo sem violência.

Endereço do autor:

Caixa Postal 46023

CEP: 04046-970 - São Paulo-SP

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- No seu entender, quais são as principais pedras e horizontes no caminho do compromisso social de sua congregação, província e/ou comunidade?
- 2- Como a Vida Religiosa pode colaborar com os organismos e pastorais sociais para a superação dos desafios que marcam o atual momento sócio-político do País?
- 3- Como desenvolver nas comunidades atitudes que são sinais do Reino, ou seja, a missão, a militância profética e a mística?

Apostar na esperança

A espiritualidade como caminho de esperança

HELENA TERESINHA RECH, STS

Há poucas semanas aconteceu a 18ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo¹. Passando pelos estandes das diversas editoras chamou-me a atenção a quantidade de livros sobre espiritualidade, cura da depressão e do estresse e sobre a alimentação natural e alternativa. As editoras tanto evangélicas, quanto católicas, universitárias, científicas e outras, oferecendo uma melhor qualidade de vida; com linguagem oferecendo uma nova ESPERANÇA de viver e de ser no mundo e na sociedade tão conturbada ou convidando e provocando as pessoas a apostarem na Esperança.

A cada estande que eu visitava e cada livro que ia folheando, vendo essa oferta tão abundante de meios e formas de *cura para a alma, para o corpo, para o espírito* e o cunho do sagrado misturado com o místico e o mítico, com o sonho e o desejo de uma fórmula mágica que faça milagres num mínimo de espaço-tempo, eu me perguntava:

- o que está por trás dessa *oferta* e da busca de alívio e solução de tantas pessoas atingidas de corpo e alma?
- o que se *oferece* e o que se *busca* por trás dessa literatura? De que realmente as pessoas, hoje, necessitam?

O que vi na Bienal do Livro e essas perguntas ficaram ecoando dentro de mim, numa espécie de “banho-maria”. Dispus-me e aguçar meus *ouvidos de discípula*, deixando que “a cada manhã fossem despertados” (Is 50,4) pela Divina Ruah para uma escuta amorosa de seus “gemidos” (Rm 8,26) na história e na vida do povo que ainda aposta na esperança.

Com a mesma intensidade foi emergindo em meu coração a palavra do Profeta: “...*existe esperança de um futuro*” (Jr 31,17). E ainda o pensamento do livro dos Provérbios: “*a sabedoria é assim: se você a encontrar, terá futuro, e sua esperança não fracassará*” (24,14).

“*A Sabedoria é assim: sua esperança não fracassará*”. Como entender a esperança? A que esperança nos referimos? Em que esperança apostar?

1. Raízes antropológicas da esperança

A reflexão teológica sobre uma espiritualidade da esperança, pressupõe uma reflexão sobre o modo como o ser humano se auto-compreende, isto é, como a mulher e o homem de hoje se compreendem a si mesmos.

¹ A 18ª Bienal do Livro aconteceu de 15 a 25/ 04/ 04, no Centro de Exposições Imigrantes, em S. Paulo.

Trata-se de perguntar que relação existe entre a condição humana e a esperança, para saber se a esperança é um elemento marginal para o ser humano ou se é algo inerente à sua experiência existencial e histórica.

a) O ser humano aberto para o futuro

O ser humano, homem e a mulher, consideram-se hoje, como seres lançados e estimulados à realização ilimitada de si mesmos e pessoas abertas ao futuro e ao infinito. Ao mesmo tempo, a existência humana revela-se e experimenta-se como finita, provisória, limitada.

O ser humano vai percebendo que seu desejo fundamental de ser ele mesmo, de ultrapassar-se, de realização e de felicidade, não pode realizar-se plenamente no tempo presente. Seus sonhos e sua sede, suas aspirações mais profundas, jamais coincidem com sua existência concreta, histórico-temporal.

Pode-se afirmar que a *esperança* faz parte da estrutura fundamental do ser humano. Porém, a dimensão da *esperança* não se esgota no âmbito individual; ela engloba a humanidade e o mundo.

A *esperança* emerge como necessidade humana, tanto no horizonte pessoal, quanto nas suas relações com o mundo, com as outras pessoas e com a história. Ela é, no contexto da vida, uma força libertadora e a possibilidade de uma nova compreensão da vida humana inserida nos conflitos e ambigüidades da história e do mundo. Ela expressa desejo e nostalgia que faz transcender todas as necessidades. Pode-se afirmar, também,

que a *esperança* é o "motor" que põe o ser humano em movimento, no movimento da vida, da história e do mundo, como ser capaz de viver a utopia de "um novo céu e uma nova terra" ou de afirmar que "um novo mundo é possível".

b) A dinâmica da esperança na vida e na história

A *esperança* é uma atitude que integra duas distâncias: o sonho e a utopia com a realidade histórica. Em outras palavras, a dinâmica da *esperança* integra progressivamente a realidade sonhada, desejada, mas ainda não realizada, com a lógica da realidade que se expressa na consciência da inadequação, do "ainda não", do conflito e, como tal, irá traduzir-se numa dinâmica de transformação da realidade. A realidade desafiadora transforma-se num estímulo para transformar aquilo que ainda não se realizou. Por isso o ser humano é capaz de ver e acreditar que:

- um novo mundo é possível,
- um novo ser humano é possível,
- um novo planeta e a ecologia são possíveis,
- novas relações são possíveis,
- uma nova humanidade sem fome é possível,
- uma vida sem drogas, sem violência é possível...

O *impossível* recua quando a *esperança* procura novas forças em nós. A *esperança* impulsiona à auto-doação e permite acolher novas possibilidades do futuro que nos espera. É, pois uma sabedoria de viver e ser no mundo.

2. A Sabedoria que nasce da esperança

Na reflexão teológica das últimas décadas, o tema da esperança, ocupou um lugar relevante, em virtude da dimensão escatológica da mensagem cristã. O teólogo J. Moltmann referindo-se à escatologia escreveu: "... o cristianismo é esperança, olhar e orientação voltados para frente, e é também, abertura e transformação do presente... Uma teologia autêntica deveria ser concebida, portanto, a partir de sua meta no futuro."²

A esperança é situada; é o centro da antropologia e da Fé cristã; pode-se dizer que é a harmonia da vida ou o tom colorido de uma nova aurora esperada. Ela não é primeiramente o fim (entendida como futuro, escatologia), mas o começo sempre novo e renovador de cada dia, de cada pessoa que crê e espera.

A sabedoria que nasce da esperança, nós a percebemos tanto na experiência vivida no povo de Israel em sua relação com Javé, como no povo simples de nossos dias e de tantas outras pessoas.

Na existência do povo de Israel sua experiência não é mítica, mas o êxodo da escravidão do Egito, é um acontecimento histórico. O povo experimentou o "Deus de seus pais", como Deus da Promessa ou o *Deus da Esperança*. Este é o Deus que sempre *VEM*, um Deus que se faz *êxodo* em direção ao seu povo. É uma esperança concreta, uma esperança de vida que faz o futuro acontecer no presente: *libertação da escravidão, posse da terra, derrota do inimigo, vitória do justo*.

A sabedoria que nasce desta esperança é o estímulo que suscita o ser humano, porque exige sua colaboração na transformação do mundo, da sociedade, de sua vida pessoal e da história. A história é o espaço entre o futuro anunciado e sua plena realização. E a esperança é este caminho que o homem e mulher fazem construindo o futuro de si próprios em comunhão com a humanidade. O mundo passa a ser o lugar do compromisso transformador, porque Deus se revela neste cotidiano e se faz *ESPERANÇA* para o ser humano caminhar e construir um novo mundo e uma nova humanidade.

3. Uma Espiritualidade da Esperança

Vimos acima que a *esperança* é inerente ao ser humano e uma das atitudes fundamentais da mulher e do homem bíblico. Conseqüentemente é a estrutura básica da espiritualidade cristã. Sendo assim, a espiritualidade cristã deve ser espiritualidade teologal, que busca a unidade entre fé-esperança-caridade. As três dimensões estão profundamente interligadas. A Fé sem a esperança torna-se tibia e morta. A Esperança sem Fé torna-se uma utopia vazia de sentido. A Fé nos aponta o caminho, mas a Esperança nos mantém no caminho e nos faz caminhar.

a) *Viver a esperança em um mundo que globalizou a insegurança*

Quando as Igrejas e a sociedade se preparavam para a chegada do "Novo Mi-

² J. Moltmann, *Teologia da esperança*, Herder, S. Paulo, 1971.

lênio", percebia-se um clima de muita esperança. Alguns teólogos, espiritualistas e outros diziam que o século XXI, seria o século da paz, da solidariedade e em especial um século da espiritualidade.

O acontecimento de 11 de setembro de 2001 chocou o mundo e abalou a esperança de que o novo milênio traria a paz. O gesto tresloucado foi confirmado pelo plano de vingança desencadeado no dia 07 de outubro. Instaurou-se uma crise mundial, fortalecida pelo terrorismo. Essa crise gerou uma insegurança generalizada e uma violência crescente.

Com certeza nos intriga contemplar o mundo e constatar tanta violência que assola implacavelmente nosso planeta. O terrorismo, a violência, a fome, o desrespeito à vida, também foram globalizados. Parece que até a insegurança globalizou-se. Onde está nossa esperança?

No contexto de um mundo globalizado pode-se afirmar que existe esperança, bem como a possibilidade de fazer a experiência Dele como nossa Esperança. É a esperança de encontrar vida e flores em nossos invernos mais rigorosos. Mesmo que tudo pareça congelado e a vegetação morta, a vida não desaparece nunca. Está apenas adormecida. Um simples raio de sol, um toque do jardineiro, uma rachadura no cimento ou um pouquinho de terra numa rocha... a vegetação desponta com todo viço e vigor.

Às vezes acontece isso em nossa história, em nossas comunidades religiosas, no mundo globalizado. Atravessamos um período de muito frio, inverno rigoroso, em que tudo o que nos rodeia parece

como folhas e flores secas, passando-nos a imagem e o sentimento de cores de luto. Pura ilusão! Há muita vida no inverno e abundância de esperança em "nossos invernos".

O Deus da Esperança está semeando vida, até mesmo na mais estreita rachadura de uma calçada. Qual planta, na primavera, a esperança cresce até na rocha. O "inverno" do mundo globalizado não mata a esperança, nem a vida e a coragem que dela emanam.

b) A nossa esperança está em Deus e é Deus

Numa das favelas do Rio de Janeiro, em meio a tanta violência, onde a escuridão é provocada e se tropeça nas pedras colocadas pelos traficantes como barreira para a polícia não entrar, umas mulheres soltam seu grito:

"Deus é nossa esperança e está conosco. Nunca ouvimos dizer que Ele vira as costas para os pobres. No momento nós sentimos Ele na ausência. Parece que Ele se calou. Mas algo dentro de nós mexe como um filho no ventre. Ele está com nós, Ele é nossa esperança. A gente não vê Ele pela tristeza e o jeito como estão morrendo nossos filhos e filhas. Mas vamos lutar! Com a Bíblia na mão vamos carregar nossa cruz e encher a vida de luz. Vamos percorrer nossas ruas cantando: "vitória tu reinarás...". E o nosso canto vai ser mais forte que o barulho das metralhadoras ou a sirene da polícia. Isso vai ser apenas o começo de uma etapa nova e queremos dizer mesmo com o rosto molhado de lágrimas: Jesus é vivo na vida da gente! Ela é nossa esperança! Ela vai nos ajudar!"

A *esperança* é um broto de vida que precisa espaço para rebentar. Ela cresce quando trazemos o sol em nosso olhar. A *esperança* torna nosso cotidiano iluminado, transforma nossas atitudes, nosso olhar e nosso amor e como para essas mulheres pobres, é o começo sempre novo e renovador.

A *espiritualidade da esperança*, não é uma espiritualidade do suntuoso, do maravilhoso e grandioso, mas aquela que nos faz apreciar as mais pequeninas belezas do cotidiano, que esquecemos de ver na correria de todos os dias. "*Felizes os pobres... os pequenos*". É preciso despojar-se do "globalizado" para, na pobreza e pequenez, poder *ver e sentir* as belezas do cotidiano, pois os problemas materiais, sociais, religiosos, institucionais, podem nos tornar impermeáveis à *esperança* e às alegrias cotidianas, podem nos roubar a coragem profética que anima esse grupo de mulheres da favela.

Se o mundo atual globalizou a insegurança e a desesperança, para anunciá-la é necessário "saboreá-la" e cultivá-la no jardim de nossa vida, da sociedade, da Vida Consagrada, no meio dos pobres... mesmo que seja "inverno". E mesmo que seja inverno rigoroso, ela vai rebentar o chão e despontar, pois Deus é nossa *Esperança*.

c) *Vida Consagrada que aposta na esperança*

A Conferência dos Religiosos do Brasil celebra seu Jubileu de Ouro. O tema que marca este evento é: *Testemunho, Profecia e Esperança*. Ao elaborar este

reflexão teológica sobre a "*Espiritualidade da Esperança*", quero me dirigir especialmente à Vida Consagrada do Brasil e para fazê-lo escolho um personagem bíblico, o profeta Elias³.

O itinerário espiritual-profético-místico de Elias pode servir de imagem para nós neste momento. É um itinerário não apenas geográfico, mas que afeta todos os níveis de sua vida, tanto o pessoal, quanto o comunitário; o nível das instituições econômicas e sociais, como políticas e religiosas; o nível da cultura e os valores básicos da vida. A Palavra de Deus que chama e convoca Elias inicia nele um processo de mudança e de transformação que o afetou de forma integral.

Este processo, de modos e em pessoas diferentes, nos afeta e vai acontecendo em nós. Por isso, vivemos num mundo mesclado de *esperança* e *desesperança*, de medo e de ousadia-coragem, de recuo e de apostar.

Não temos a intenção de fazer uma exegese bíblica do texto sobre o profeta Elias, pois não é nossa área e nem dispoenho de tal instrumental neste momento, mas compartilhamos com a leitora e o leitor uma reflexão teológica e espiritual que brota do coração e do contato constante com centenas de mulheres e homens consagrados e convocados a ser no mundo "*testemunho, profecia e esperança*".

Desde que o profeta Elias se abriu à Palavra, Javé atuou nele e sua vida se fez itinerante. Ele já não se pertence. Torna-se um peregrino em busca do que Deus quer dele.

³ Tomo como iluminação para essa reflexão o texto bíblico: 1 Rs 17-19.

A mulher e o homem tocados pela Palavra, já não se pertencem. Se fazem peregrinos do Amado, como a mulher Sulamita. Tornam-se testemunhas e profetas da esperança para o povo.

- Elias, homem do deserto

A experiência do deserto marcou a caminhada de Elias:

- enfrentou o deserto de Carit: 1Rs 17,5;
- passou pelo deserto de Beershaba: 1Rs 19,3;
- o deserto de Horeb: 1Rs 19,8.

A experiência profética e espiritual de Elias foi marcada não só pelo deserto geográfico, mas também pela experiência de um deserto interior. Teve momento de *não saber*, de estar *perdido*, de ter medo, de achar que tudo estava terminado, de querer fugir e morrer, de pensar só em comer e dormir. O seu *deserto interior* manifestou-se sobre tudo no fato de querer encontrar Deus nos sinais tradicionais: no terremoto, no vento, no fogo, e perceber que estes sinais já não revelam mais a presença de Javé. Eram como lâmpadas que já não se acendiam mais (1Rs 19,11-12).

No deserto Elias experimentou seus próprios limites. Não chegou a perder a Fé e a Esperança, mas não sabia como usar a Fé antiga para enfrentar situações novas.

- A Vida Consagrada no deserto da globalização moderna

A experiência de deserto que marcou o profeta Elias, sempre marcou a cami-

nhada da Vida Consagrada, mas o momento no atual se evidencia mais fortemente. Não só as consagradas e consagrados, mas o povo vive um deserto desafiador, um *inverno sem floração*.

Como para Elias, muitas formas e sinais tradicionais não correspondem mais e nada dizem para o povo, para a sociedade, para a juventude, para o hoje. Parece que o "não saber", o "medo", o "estar perdida", o "querer fugir"... caracteriza parte de nossa Vida Consagrada atual. Algumas instituições são como *lâmpadas que não se acendem* mais e preferem morrer no deserto, a tornarem-se peregrinas no deserto em busca do manancial e do Senhor do manancial, bem como do provo peregrino no mesmo deserto.

Existe uma lamentável distância entre a VC⁴ do Vaticano II e a atual. Restaurar não resolve; modelos antigos não respondem. O deserto é hora da crise, mas sobre tudo, de recolocar os fundamentos e recuperar a memória, lugar da libertação, de reordenar, lugar onde morrem as ideologias e nasce a Esperança. O deserto é lugar da lamentação, da tentação de voltar atrás; é também lugar do namoro, do noivado, da experiência mais profunda de Deus, do discernimento.

Acredito que muitas Congregações, e muitos consagrados e consagradas, como Elias, também experimentam seus próprios limites pessoais e institucionais. Não se chega a perder a Fé, o carisma fundacional, a espiritualidade própria, mas não se sabe como ser fiel e enfrentar os novos desafios da globalização.

⁴ Passo a usar a sigla VC para indicar Vida Consagrada.

Pelo meu ministério da espiritualidade tenho escutado muitos desabafos, muitas partilhas de provinciais, de irmãs e irmãos jovens e mais vividos. É a *hora* de recolocar os fundamentos, não apenas modernizar a roupagem. É a hora do êxodo e do deserto, da itinerância e não de reformar, alugar ou construir prédios; é hora de *armar tendas* no deserto, junto com o povo. A espiritualidade da esperança nos recoloca na experiência do frágil e do pequeno, do “não saber” e da “brisa leve”.

- Elias, o homem da brisa leve

Atravessando o deserto de Beersheba, Elias entrou no deserto da montanha de Deus, o Horeb (1Rs 19, 8). Lá ouviu uma pergunta: “Elias, que fazes aqui?” E ele respondeu:

*“O zelo por Javé dos exércitos me consome,
porque os israelitas abandonaram tua aliança,
derrubaram teus altares, mataram os profetas.
Sobrei apenas eu, e eles querem me matar também”.*

(1Rs 19,10.14)

Percebe-se uma contradição entre a resposta e a realidade, entre o discurso e a prática de Elias. Sua afirmativa é que ele é o único que sobrou; mas na verdade havia mais sete mil (1Rs 19,18). Seu discurso diz que ele está “cheio de zelo”,

mas mostra-se um homem medroso que foge (1Rs 19,3). Conforme seu discurso, sabe analisar o fracasso da nação, mas não sabe reconhecer seu próprio fracasso. Elias não se dá conta de que a situação de derrota e de morte em que se encontra é o *lugar* onde Deus o atinge, pois não percebe a presença e a orientação do anjo. Ele só pensa em dormir e comer (1Rs 19,6).

Parece que Elias tem um defeito no olhar, talvez uma “*hipermetropia espiritual*” que o impede de perceber a realidade tal qual é:

- ele se considera dono da batalha contra Baal;
- acha que sem ele tudo estará perdido;
- acha que Deus vai perder se ele, Elias, for derrotado.

Qual é a “trave” nos olhos de Elias? Qual o defeito em nossos olhos de consagradas e consagrados diante do mundo atual? Será que, além da correção visual, não precisaremos também uma correção no coração?

Uma resposta possível é a da “*brisa suave*”⁵.

A “brisa leve” não deve ser entendida de forma romântica como uma brisa de fim de tarde, mas no sentido bíblico. De repente Elias emudece, se cala, se percebe desintegrado naquilo que vivia e pensava até aquele momento, se sente vazio

⁵ A expressão “brisa suave” se traduz do hebraico literalmente como: *voz de calma suave*. A palavra hebraica, *demamah*, vem da raiz DMH que significa parar, ficar imóvel, emudecer. Portanto a brisa leve indica um fato, de repente faz alguém emudecer, faz a pessoa ficar calada, cria nela um vazio, e assim a dispõe para escutar, provoca nela expectativa.

e só. A brisa significa o fato que obrigou Elias a mudar radicalmente de vida e o levou a uma visão totalmente nova das coisas.

- Uma VC que passa pela brisa leve de uma nova esperança

Qual foi a “brisa leve” que provocou a transformação de Elias? O texto não revela, mas sugere que foi a dolorosa descoberta de que Javé, o Deus de Israel, já não estava nem no vento, nem no terremoto, nem do raio – sinais tradicionais da manifestação de Deus. Deus já não era como Elias o imaginava. Apesar de toda sua fidelidade e luta pela causa de Javé, ele lutava por algo que já não era a causa de Javé.

E, nós, já passamos ou estamos passando pela “brisa leve” da purificação do olhar e do coração, da transformação das estruturas tradicionais e arcaicas que já não revelam Deus e nem são mais “causa de Deus”? Elias descobriu que estava errado. E nós? Continuamos justificando o que não dá mais, envernizando estruturas cheias de cupins que estão por ruir?

Como para Elias, a VC na virada do século vive um impasse: a defasagem entre o discurso e a prática. Vive perdida. Sabe-se ler estes sinais que da *brisa leve* ou nossa miopia já nos cegou?

Deus se faz presente na aparente ausência. A luz aparece na escuridão. A voz de *calmaria suave* era para o profeta o silêncio de todas as vozes. As mulheres, das quais escrevi acima, expressaram que “no momento nós O sentimos na ausência. Parece que Ele se calou.” Essa expe-

riência de *calmaria* uniu e colocou as mulheres na luta.

A brisa leve é a experiência da noite escura de que nos fala a mística. É o sair para se encontrar. Não será este o momento privilegiado da VC reencontrar uma nova esperança? A brisa abriu o espaço para uma nova experiência de Deus, que aos poucos levou Elias a redescobrir sua missão na reconstrução da Aliança.

Estamos em tempo de jubileu da vida consagrada no Brasil. A “brisa leve da esperança” bate à porta de nossas Instituições, bate à porta de cada coração de homem e mulher tocado(a) pela Palavra, consagrado(a) como discípulo e discípula de Jesus, chamados a fazer *novas todas as coisas*. É hora de apostar na esperança de uma nova vida consagrada, sensível aos novos sinais da passagem de Deus, nos escombros da violência, nas mesas sem pão, no vazio das perdas, no “não saber” como, no deserto, no inverno rigoroso cuja aparência é de não vida.

Pode nos vir o sentimento de impotência diante dos desafios, ou de que “só eu sobre”, ou ainda “de que vale lutar?”. Quem sabe, como Elias, nos venha o desejo de fugir, de apenas “dormir e comer” e morrer. “O que aparenta ser, morrerá; mas o que realmente é, sobreviverá. A vida é mudada, não perdida. É bem diferente daqueles que morrem sem nunca se transformar”⁶.

- Elias, homem que defende a vida

A preocupação com a vida percorre a história de Elias e caracteriza seu cami-

⁶ Esta frase é de um diálogo entre duas taturanas com desejo de se tornarem borboleta e voar, do livro *Alegria para as flores*, de Trina Paulus, Paulinas.

nhar. A vida é igualmente a preocupação da VC, da Igreja, do cristianismo, dos ecologistas e humanistas, de muitas ONGs e parcerias.

De muitas formas, Elias defendeu a vida do seu povo contra a morte e os sistemas de morte do rei. Ele revela a face de Deus, como o Deus da vida. Ele mostra para o povo que a lei não é valor em si, mas um caminho que deve defender e levar à vida. Ele chega a matar os profetas que defendem o sistema de morte, para garantir a vida do seu povo.

Alguns aspectos do jeito de Elias defender a vida:

- garante o alimento para combater a fome (1Rs 17,14-16).
- ressuscita o filho da viúva, que havia morrido (1Rs 17,23).
- trouxe de volta a chuva pela força de sua oração (1Rs 18,42-45), pois o rei só pensava na vida de seus cavalos e jumentos, enquanto o povo morria de fome por causa da seca (1Rs18,5).
- foge para salvar a sua vida (1Rs 19,3), enquanto Jezebel persegue e mata os profetas e quer matar o próprio Elias (1Rs 19,2).
- defende a causa de Nabot, assassinado pela injustiça do rei e da rainha (1Rs 21,17-20).
- vai para lugares fora de seu território: Sarepta, Carit, Horeb, pois onde existe vida humana Javé é reconhecido com Deus.

Assim como Elias a VC é convocada a defender, resgatar e criar espaços de vida e apostar na esperança de vida “em abundância” para todos.

- A VC chamada a apostar na vida

A espiritualidade da esperança é convite a “esperar contra toda esperança” e acreditar que por detrás de um sistema de morte, a vida palpita e desponta com vigor como a semente que quebra a calçada e brota.

A espiritualidade que nasce da esperança é como a seiva de uma árvore, continua discretamente presente nos galhos e raízes, mesmo que a aparência, em certas estações, seja de que a árvore morreu. Compete a nós alimentá-la, confiando que novos brotos em breve rebentarão. A esperança coloca-nos a caminho e nos garante uma saudável e benéfica teimosia em defesa da vida. É da teimosia de muitas mulheres consagradas que a vida é resgatada e acontece em muitas pessoas e espaços onde quase ninguém quer ir.

Elias parte para defender a vida e anunciar o Deus da vida. Sarepta, Horeb, Carit, não são apenas lugares geográficos, são o espaço onde a vida aconteceu como forte experiência de Deus, do Deus da vida e da Esperança.

A Experiência de Deus nos faz entrar na casa das “viúvas de Sarepta” de hoje, chegar até o Horeb e passar pela “brisa leve” do despojamento de nosso modo de ver e pensar o mundo, a sociedade, nossas comunidade. A brisa leva, nos lembra que o caminho da esperança é longo: “*levante-se e coma, pois o caminho é superior às suas forças*” (19,7). Importa alimentar a esperança na experiência de Deus, saber entrar na “gruta” e aguardar o Deus que sempre passa. “Elias cobriu o rosto com o manto e ficou na entrada da gruta” (19, 13). Javé

falou com ele: “O que você está fazendo aqui, Elias?” O que fazemos aqui, na VC? O que você, vida consagrada brasileira faz aqui?

O encontro e a experiência de Deus no Horeb, indicam um novo caminho: “*Pegue o caminho de volta, em direção ao deserto de Damasco.*” (v.15).

Qual será este caminho do “deserto de Damasco” que Ele nos quer indicar? Onde nos conduzirá nossa esperança e o serviço da vida? Sua ordem é clara: “*Pegue o caminho de volta!*”. Que significa isso?

- Elias, o homem da oração

Vendo as características do caminhar de Elias, sua fidelidade à Palavra, seu jeito de ser profeta, mesmo com medo, ele enfrentou os desafios e defendeu seu povo contra o rei e os Baals. Ele foi capaz de ser e realizar sua missão porque era um homem de Deus, que em tudo buscou o que Javé queria dele, estava em comunhão com Javé e era homem de oração.

A oração era o espaço que lhe dava condições e forças para caminhar e ...

- viver e experimentar o deserto,
- descobrir a presença de Javé na *brisa leve*,
- defender a Aliança,
- defender a vida do povo,
- viver os conflitos sem desistir.

O texto bíblico apresenta alguns momentos e lugares onde Elias aparece rezando, buscando a face de Javé, seu Deus:

1. “Vivo é o Senhor em cuja presença estou”. (1Rs 17,1; 18,15). Este texto

mostra a consciência de estar consagrado ao serviço de Javé e sua disponibilidade.

2. na casa da viúva, reza e consegue devolver a vida ao filho dela (1Rs 17,20).
3. critica a reza dos profetas de Baal (1Rs 18,27), e reza para que Deus se manifeste ao povo no monte Horeb (1Rs 18, 36-37).
4. reza sete vezes e insiste até que apareça um sinal de chuva (1Rs 18, 42-43).
5. reza para que desça o fogo do céu e mate os militares que querem prendê-lo e matá-lo (2Rs 1,10,12).
6. restaura o altar no Monte Carmelo (1Rs 19, 4).
7. reza queixando-se (1Rs 19, 10.14) e pedindo a morte (1Rs 19, 4).
8. confronta-se com Deus na brisa leve (1Rs 19,12).

Estas passagens bíblicas mostram Elias como “Homem de Deus” (1Rs 17,24), disponível e aberto à ação do Espírito de Javé (1Rs 18,12), “cuja palavra ardia como uma tocha” (Eclo 48,1), revelam sua intimidade com Deus.

No Novo Testamento, a carta de Tiago, relata o testemunho de Elias, como o Homem de Oração: “*Elias era homem fraco como nós. No entanto, ele rezou bastante para que não chovesse, e não choveu sobre a terra durante três anos. Depois ele rezou de novo, e o céu mandou chuva, e a terra produziu seus frutos*” (Tg 5,17-18).

O livro do Eclesiástico introduz a figura de Elias assim: “*Então o profeta Elias surgiu como um fogo, sua palavra queimava como uma tocha*” (Eclo 48,1).

E diz ainda que “*por três vezes fez descer fogo*” (v. 3). O fim de sua vida é descrito assim: “*foste arrebatado num turbilhão de fogo, num carro puxado por cavalos de fogo*” (v. 9).

– A VC marcada pela espiritualidade da esperança

O fogo é um símbolo e imagem do Espírito Santo. Foi assim que Ele se manifestou em Pentecostes (At 2,3-4). Elias é um homem arrebatado e tocado pelo fogo de Javé, este fogo arde em seu coração de profeta. É o fogo da intimidade, da Esperança de ver seu povo libertado. É o mesmo fogo que o transformou e enviou “*pegue o caminho de volta...*”. É este fogo interior que faz seu coração arder de zelo por Javé, e lhe dá condições de **apostar na esperança**, pois a *esperança não fracassará* (Pr 24,14), porque sempre “*existe esperança de um futuro*” (Jr 31,17).

Estamos em tempo de JUBILEU! É um tempo de ESPERANÇA e de graça. É o tempo de toda a Vida Consagrada, presente no Brasil, mulheres e homens tocados pelo fogo da Palavra e pelo grito dos pobres, deixar a **esperança ser testemunho e profecia**, do jeito gracioso e feminino da Divina Ruah:

- como Mirian, no canto e na dança, com o tamborim, os atabaques, a flauta, o violão, numa grande ciranda, cantemos a vitória do Deus da Esperança (Ex 15,20).
- como Elias, deixemos que o zelo pela Trindade e zelo pelo pobre, faça arder nosso coração e o fogo interior da espiritualidade da esperan-

ça, nos leve de “volta pelo caminho do deserto”, da purificação, da entrega sem medo, da disponibilidade solidária, ousada e teimosa (1Rs 19, 9-15).

- como Sarai permitamos que o Deus dos pobres, realize o humanamente impossível, através de nós e se realize a promessa de uma nova terra “um novo mundo” (Gn 17 e 18).
- como Abraão, a *esperança* no NOVO, nos torne capazes de abandonar o “velho” e as seguranças da estabilidade institucional, e partir para terras desconhecidas, levando apenas a certeza de que Deus está conosco (Gn 12).
- como Agar, mesmo no deserto, a esperança em Deus e na vida nos faça reconhecer “Aquele que me vê” (Gn 16,13-14).
- como Maria, saibamos quebrar o frasco e derramar nosso perfume, inundando o mundo de esperança (Jo 12,3).
- como Pedro, proclamemos nossa Fé e nosso amor a Jesus ressuscitado em meio a tantos sinais de morte: “*Tu conheces tudo e sabes que eu te amo*” (Jo 21,17).
- como Maria de Magdala, saibamos sair nas madrugadas da vida, das vilas e dos guetos em busca dos “mortos” pela violência e encontrar o Senhor da VIDA e nossa única Esperança! Saibamos gritar para o mundo globalizado, com nossa voz, nossa atitude, nossos gestos, nosso amor: “EU VI O SENHOR!” (Jo 20,18).
- como a mulher da Samaria, nunca esqueçamos do caminho da FONTE.

O caminho da água viva da espiritualidade, da intimidade com a Trindade, o caminho do deserto, da "brisa leve" e do "zelo pelo Senhor" e pelos pobres, do silêncio interior, do diálogo, do discernimento, da soli-

■ dade, da partilha e da festa... e como Maria de Nazaré, que a Divina Ruah encheu de graça e ternura, unindo nossas vozes e vestindo as cores do Brasil, cantemos o hino da Esperança:

*Deus Pai-Mãe da Esperança, nós te louvamos
como fonte de toda a Esperança.*

*Jesus, Filho Amado, nós te louvamos
como Palavra-Esperança que se faz caminho
e arde em nossos corações.*

*Espírito, beijo do Pai e do Filho, nós te louvamos
como fogo que acende em nós a esperança e a coragem
para partir em busca de novos areópagos.*

*Trindade Amada, nós te adoramos e glorificamos
pela vida consagrada no Brasil, pelo jubileu de nossa Conferência,
e pela vida doada de milhares de consagradas e consagrados.
Renova em nós o entusiasmo do primeiro amor e fortalece nossa
Esperança em teu amor capaz de transformar nossa vida
e globalizar a solidariedade, a partilha e a esperança. Amém!*

Endereço da autora:
Rua Domingos de Santa Maria, 395
043111-040 - Vila Guarani - São Paulo/ SP
E-mail: helenarech@ig.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Em que ESPERANÇA você aposta? Ou quais as esperanças que você alimenta em seu coração?
- 2- Como e onde alimentar uma Espiritualidade da Esperança?
- 3- Lendo 1Rs 18 e 19, que paralelo você faz entre Elias e a VC atual?



CRB

Impresso
Especial

050200140-2/2002 - DR/RJ

CRB

...CORREIOS...

Quadro Programático da CRB 2004-2007

Horizontes

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. VC como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

Prioridades

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parcerias com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunho de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

Realces

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção a desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a VC capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da VC para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.